

CASA POÉTICA

ENTREVISTADAS/O:	Jackeline Pires Rebeka Caroline Suyane Santana Rodrigo Ciríaco
Localização da atividade:	Vila Paranaguá, Ermelino Matarazzo
Área de Atuação:	Literatura / Poesia
Data da entrevista:	04/09/2020
Entrevistadores:	Fernando Filho e Allan Cunha – CPDOC Guaianás

Breve descrição

CASA POÉTICA é sonho. Idealizada pelo escritor e educador Rodrigo Ciríaco, com apoio dos JOVENS E ADOLESCENTES do coletivo Mesquiteiros, que há mais de 14 anos realiza um trabalho artístico e pedagógico a partir de escolas públicas, bibliotecas, ocupações e centros culturais em Ermelino Matarazzo, São Paulo e todo Brasil.

ENTREVISTADA:

JACKELINE PIRES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Jackeline Pires [recitando a poesia]:

Um Pop americano qualquer, daqueles tipo bem chicletes, saltava dos meus fones de ouvido... enquanto eu caminhava pela ZL, me dava conta de que Racionais fala muito mais sobre a gente. Essa cultura que nos vendem não nos representa, não valoriza as nossas mentes. Eu... eu queria ter nascido lá... uma Jaqueline de quatro anos atrás talvez diria: "mas como seria a minha vida? Como seria a minha vida?". Esse sonho infanto-juvenil já não me ilude mais... esse... mundo capitalista já não é mais o que eu quero. Como seria a minha vida sem aquela tapioca quentinha que minha mãe faz todo dia de manhã? E eu acho que o calor do Texas não se alegra tanto em Junho como na Bahia... e aliás... matar um boi inteiro... diga-se de passagem, acho cruel exagero, não seria tão comum... pra comemorar o aniversário de um tio que vejo a cada cinco anos... em qualquer lugar que não fosse a Paraíba. E aliás... a acidez em minha

garganta acaba de me lembrar que o polvilho lá em casa tinha acabado... e um copo de café com dois dedos de leite era o suficiente pro o meu refluxo lembrar... que eu teria umas quatro ou cinco aulas de matemática logo às 8h da manhã. E quatro anos atrás talvez o motivo do meu refluxo fosse outro... um garoto qualquer com violão, que me fazia cabular as aulas de... matemática... pra ir na pracinha, socializar. É, eu nunca entendi porque a galera chama só eles de América... um povo fresco que constrói muro, distribui arma, não se mistura. A América devia ser a gente que faz arte na rua... [batidas] grafita e recita, mas não. A América são só eles e seu capital sujo, banhado em sangue, suor e imigrante. E aliás, quatro anos atrás, nasceu em mim poesia... Eu descobri... que... diga-se de passagem, eu não queria, mas eu também socializava o garoto. Nasceu em mim poesia porque desilusão não existe. Amor é ironia. Ironia. Ironia, sabe? Tipo criança: Admirar Estados Unidos, tendo nascido na periferia.

Jackeline Pires: Ah, meu nome é Jaqueline Pires Linhares, eu tenho dezenove anos, eu... eu comecei estudando na Escola Estadual Benedita de Resende, que fica aqui próxima da Estação de Ermelino Matarazzo. Eu vivi a minha vida toda... a minha vida toda aqui no bairro de Ermelino. Antes de eu morar aqui, eu morei em Itaquaquecetuba, até meus cinco anos de idade. É... depois que eu saí do... da Escola Estadual Benedita de Resende... eu comecei a estudar na ETEC. Eu estudava na ETEC da Zona Leste... e eu fazia o ensino médio integrado ao curso técnico de administração. Terminei ano passado, em 2019, e esse ano eu tô cursando Relações Internacionais na Universidade Anhembi Morumbi... e eu sou bolsista integral do PROUNI. Eu... faço parte do coletivo desde o ano 2013, 2014... quando ainda funcionava na Escola Estadual Francisco Mesquita.

Eu entrei no coletivo porque eu vi um cartaz... e no cartaz dizia que tinha oficinas de poesia e oficinas de teatro. Eu era um pouco tímida antes, ainda sou às vezes... e esse... lance de teatro era um negócio que a gente queria muito fazer. Eu queria muito fazer teatro pra eu poder me desenvolver mais... pra eu poder conseguir falar melhor, em público. Aí eu falei assim: "nossa, é isso!". Teatro de graça ainda, aqui na quebrada, falei: "nossa, é estouro. Vou participar". Aí chegando lá, eu entendi como que funcionava. Como que funcionava a oficina e como integrava a performance com a poesia e com a literatura.

Tava escrito mais ou menos assim, é... que a gente tinha um... uma oficina de teatro e uma oficina de poesia... é que faz bastante tempo... uma oficina de teatro, uma oficina de poesia, que acontecia aos sábados, que já era um dia bom porque eu estudava durante a semana... que

acontecia aos sábados na Escola Estadual e era de graça, então nossa... adorei. E aí fui! Aí nesse dia que eu vi o cartaz... aí eu fui lá... ai eu conheci como funcionava e como integrava a poesia... e o... as performances, o coletivo Mesquiteiros... como... Mesquiteiros... como que englobava tudo isso... e como ainda incentivava a gente a leitura, incentivava a gente a conhecer as obras literárias... não só dos autores clássicos, dos que a gente já era incentivado pela escola a ler, mas dos autores... que tão entre a gente. Os autores da quebrada, da literatura marginal periférica.

Então, é... quando eu entrei no grupo, eu descobri que era uma coisa integrada... não era uma oficina de teatro e uma oficina de poesia, era uma... coisa integrada, era... é... juntava a performance, a apresentação no sarau, a apresentação no slam... que de qualquer forma é um... um personagem... uma forma teatral... e também, é... acontecia a produção literária, acontecia a leitura, discussão... e aí integrava, acabava integrando os dois.

Até hoje funciona o grupo de estudos, de poesia e performance, aos sábados, a gente faz... aos sábados de manhã e funciona bem parecido de como começou... a gente tem exercícios de escrita... a gente tem exercícios de performance, exercícios pra gente exercitar o corpo, pra gente poder conseguir se apresentar em público, pra não ficar tão nervoso, tão nervosa... e além disso, a gente ainda tem esse incentivo, pra gente buscar o livro... e... entender que pra gente escrever a gente tem que ter uma base. A gente tem que ler antes de escrever. E... o...

Ah, todo sábado a gente tem, é, mais ou menos... como se fosse uma aula. Mas não é uma aula onde tem um professor e um aluno... o nome mesmo já diz, é um grupo de estudos. A gente... é... se ajuda... um que tem uma facilidade com uma coisa, de repente... "ah, pra eu decorar o meu poema eu escrevo o poema umas três vezes... e releio, e assim eu consigo entender". Aí dá essa dica pra pessoa que não tá conseguindo decorar o poema, talvez ela consiga. A gente trabalha assim, a gente mesmo se ajudando e... às vezes a gente convida alguns autores, escritores, alguns... algumas pessoas pra poder ajudar a gente, pra poder dar algumas oficinas de formação... de teatro, de escrita, de cenopoiesia.... e assim que funciona.

Tem o nosso livro, da coleção "Pode Pá". A gente tem seis volumes e atualmente a gente tem, um box, que tem todos bem bonitinho assim... tal, muito legal. Desses livros, desde que eu faço parte do coletivo, eu já consegui publicar quatro textos, e... o livro "Pode pá que nós que tá" ele

funciona... pra jovens da periferia que estudam em escolas públicas, de doze à dezessete anos. O concurso literário acontece, é... assim dessa forma, e aí os ganhadores... tem a oportunidade de publicar o seu texto... a sua poesia, ou a sua crônica, prosa poética... publicar no livro e você recebe o seu livro. E tem os primeiros lugares, tem os prêmios em dinheiro também, é um... um concurso super legal. Os professores acabam inscrevendo os alunos... e os alunos se inspiram cada vez mais. Tanto que no sarau, no sarau que a gente faz nas escolas, os professores têm papel de extrema importância. Porque, quando você vê o professor recitando, cê sente mais vontade de participar. E aí os alunos acabam... também, é... se apresentando, lendo um poema, recitando uma poesia.

É muito engraçado de eu falar isso porque eu achava que nunca ia acontecer. Quando eu tava na quarta série, eu era muito pequenininha... Sabe nessa época que a gente tem vontade de ser tudo? A gente tem vontade de ser bailarina, pediatra, tem gente... tem vontade de ser tudo. E eu tinha vontade de ser escritora. E hoje eu sou escritora. Quando eu tinha... quando eu estava na quarta série eu tinha vontade de ser escritora... eu sempre gostei muito de escrever, eu escrevia tipo contos de fada na escola... as coisas que as professoras pediam... e quando eu entrei no coletivo, eu comecei a direcionar mais a minha escrita... e aprender algumas formas de você... lavar o seu texto, você cortar aquela gordura que não precisa, você acrescentar, você colocar... o seu sentimento no texto, você escrever de uma forma melhor.

O primeiro texto que eu escrevi não foi o primeiro texto que eu publiquei. Porque também a gente tem isso, né? A gente escreve... quinze, vinte, cem, duzentos, mil textos... pra poder conseguir alguma coisa super legal, que a gente quer mesmo mostrar pra todo mundo. Nem tudo que eu escrevo eu quero mostrar pra todo mundo, nem tudo que eu escrevo eu pretendo publicar. Mas foi dessa forma. Através do grupo de estudos, através dessas técnicas que eu fui aprendendo... e da discussão com os outros colegas... até mesmo a gente coloca o nosso texto na roda, e aí cada um vai dando sua opinião e falando: "olha, se você colocar isso aqui, fica legal". "Olha, eu acho que essa frase não precisa". E assim, dessa forma, a gente vai construindo um texto melhor. Até chegar num ponto que a gente tem vontade de publicar.

Aqui, aqui no Ermelino Matarazzo... a gente tem muitos coletivos culturais. E eu, eu fui entrar nesse mundo da literatura, da cultura, da arte... através do coletivo Mesquiteiros. Antes, pra mim, literatura era aquilo na sala de aula. Era Machado de Assis, eram as obras que a gente

precisava ler para o vestibular. Eram aqueles, é, resumos que a gente precisava fazer, os mapas mentais, que a gente tinha que fazer sobre aquilo, sobre aquelas coisas... e acabava sendo super maçante, a gente tem que ler... ter que ler aqueles livros... de coisas que aconteceram há anos atrás, linguagem que a gente não usa... não é como os textos da literatura marginal periférica. Que você lê o texto e você sente uma pessoa falando. Você lembra de um colega que fala uma gíria parecida com àquela... você lembra de um colega, você lembra de si que viu uma história... viveu uma história parecida com àquela... é uma coisa mais de se identificar, sabe? A importância do grupo no território é muito grande porque... a gente trabalha com diversas escolas... e os professores incentivam os alunos... a gente chega na escola, um aluno mais tímido, que nunca... que nunca se apresentou na frente de todo mundo, ele vai lá com um livro... ele lê a primeira vez. Os amigos dele estão lá e batem palma pra ele... é uma sensação totalmente diferente... se é uma pessoa que, é... escreve lá no seu caderninho e tem o seu caderninho a vida inteira... você lê num sarau e você todas as pessoas que você conhece te aplaudindo e achando muito legal o que você faz, eu acho que é um grande incentivo.

Acho que a literatura é... de extrema importância pra mim.... uma coisa que me acompanhou desde sempre... eu sempre gostava... gostava de ler gibi, como qualquer criança gosta de ler gibi, eu gostava de ler Ruth Rocha.... gostava de ler aquele livro lá, da Lygia Bojunga, Bolsa Amarela.... aí eu fui crescendo, começando a ler os livros que a escola me proporcionava... eu... não tinha o costume de ir na biblioteca. A gente tem uma biblioteca muito próxima..., inclusive a escola que eu estudei era em frente à biblioteca e foram poucas às vezes que eu fui e tinham colegas meus, que estudavam comigo... na escola em frente à biblioteca e que nunca tinham ido na biblioteca... é... isso da literatura... é... ela caminha e leva a gente junto, e leva a gente pra frente com a literatura cê num... num aprende só, tipo, gramática, palavras... a gente aprende a conviver, a gente aprende o que aconteceu... a literatura engloba tudo por quê... se uma coisa aconteceu... quem conta essa história? se você escreveu um... uma fórmula nova, se você tem um... uma conta matemática diferente... você tem que escrever aquilo, você tem que registrar aquilo. “E você registra através do quê?”. Das palavras.

O coletivo, atualmente, a gente tem em torno de quase trinta pessoas. Grande parte do... do... das pessoas que fazem parte do coletivo são do grupo de estudos... que acontecem aos sábados. Mas a gente não... não tem só essas atividades. À gente tem o Slam Rachão Poético, que é uma batalha de poesia... a gente tem o Sarau dos Mesquiteiros, que acontecem mensalmente... e é

aberto ao público, você pode participar. Atualmente tá funcionando nas plataformas online... mas também você pode participar através do link na plataforma Zoom... a gente tem também, os saraus nas escolas, que são esses que eu falei que a gente chega até a escola... participa, os alunos participam junto com a gente, os professores participam, que é muito importante... A gente tem a publicação dos livros. Todo ano a gente procura consegui publicar um livro, com esses jovens das escolas... a gente... tem os encontros literários também... porque é muito importante a gente ter uma referência. A gente tem as pessoas que inspiram a gente... e ouvir essas pessoas falarem, e ter eles tão próximos... não é como ler um livro do Machado de Assis... que é de muita importância também. Mas, você tá na frente do Sérgio Vaz e perguntar uma coisa e ele te responder, é outra coisa.

Então, o coletivo tem em torno de vinte e cinco, trinta pessoas... e grande parte faz... faz parte do grupo de estudos. São... são jovens, adolescentes, entre doze e dezessete anos... tem também a gente que é mais do grupo de organização, que a gente é um pouco mais velho, a gente tem em torno de dezenove, vinte e cinco... e por aí... e a gente organiza as atividades... e... e são essas atividades que eu falei... têm os... os Saraus, o Slam, os Encontros Literários... os encontros de formação... e tal. Eu participo muito dos saraus... dos saraus nas escolas, que a gente faz, a gente vai até a escola. Atualmente a gente tá fazendo online... participo também do saraus dos Mesquiteiros... e do grupo de estudos que foi a porta de entrada pra eu conhecer esse mundo da arte.

Ano passado, o coletivo Mesquiteiros completou dez anos... E a gente fala que... A gente sempre meio que viveu de favor, sabe? A gente sempre viveu meio que na casa dos outros, era uma vez na escola, na biblioteca, em outra escola.... A gente chegou a fazer parte da ocupação Mateus Santos... Mas a gente precisava de um espaço nosso... Precisava de um... de um espaço que... que abraçasse a gente, fosse o nosso guarda-chuva. Que a gente pudesse chamar outras pessoas... não que os outros espaços a gente não... não tinha essa liberdade, que a gente não tinha isso, mas... a gente precisava de uma casa pros Mesquiteiros. Daí que surge a Casa Poética. A Casa Poética não é uma biblioteca... A Casa Poética não é uma livraria. A Casa Poética não é uma casa de shows... A casa é poética, a gente tem um espaço infantil, a gente tem a Biqueira Literária onde a gente vende livros, camisetas... bonés, que também ajuda no aporte financeiro do coletivo. A gente tem a nossa biblioteca também que.... que a gente empresta livros. As pessoas doam livros pra gente, a gente empresta, as pessoas vêm e buscam, leem, levam outro

livro. A gente tem o nosso jardim, que a nossa casa tem um jardim. E flores e poesia tem tudo a ver. A gente tem a nossa copa, que uma coisa que a gente gosta muito é de comer também, né? Tem o escritório, a gente tem outras salas que podem acontecer outras coisas. Tem a nossa garagem onde acontecem os eventos, principalmente os saraus.... os encontros literários. E essa é a Casa Poética.

Ah, eu digo que eu sou muito privilegiada por muitos fatores e também por isso, porque minha família sempre foi muito de me apoiar.... nas escolhas que eu sempre fiz na minha vida. Então, quando eu entrei... pra... pro grupo de estudos, quando eu entrei pro coletivo Mesquiteiros.... a minha mãe, o meu pai, eles sempre apoiaram. Num... num eram aquelas pessoas que todo mês tão no saraú.... tão lê vão, mas eles nunca falaram: "não, você não vai pro saraú hoje, você vai fazer uma coisa aqui...". Não, eles tavam lá e eles apoiavam... O pessoal da escola é.... eu conheci alguns colegas ainda vim... vim no saraú, tem a Iasmin, que ela era a minha melhor amiga quando eu estudava no Benedita. E a irmã dela, a Suyane, ela participa hoje do coletivo. Tanto que eu falei assim: "nossa, eu tô fazendo parte de um coletivo muito legal, os Mesquiteiros. A gente.... faz performance poética, a gente lê poesia, a gente escreve, nossa é muito legal". Ela falou: "nossa, a minha irmã adora esse lance de teatro, de performance...". Aí eu falei: "chama ela, vamo junto!". E tamo aí, tamo junto até hoje, Suyane tá aí.... Cresceu, floresceu, Suyane é uma mulher maravilhosa.... e acredito que, como pra mim foi de grande importância pra formação da pessoa que eu sou hoje.... o coletivo Mesquiteiros também foi de extrema importância pra ela.

Foi uma grande crise, né? E afeta todo mundo... Tanto que a nossa Casa Poética, ela tá fechada. A gente abre... pra gente poder vir aqui organizar alguns dias, fazer alguma limpeza, poder... é... funcionar as atividades que a gente... faz online. Mas as nossas portas ainda não estão abertas pro público poder entrar... Muito... muito triste porque a nossa casa abriu em março, aí nossa casa abriu dezessete de março... cerca de quinze dias depois começou o isolamento social.... e a gente falava: "quinze dias só, já... já tamo de volta, explodindo de evento, e saraú, Slam, tudo" e os quinze dias é até hoje, a gente já tá em agosto. Já foi o meu aniversário, já foi o aniversário de muitos Mesquiteiros, Mesquiteiras e a gente ainda tá nesse momento de crise. A gente tenta continuar ao máximo com as nossas atividades, porque eu acredito que ajuda muito. Como participar do grupo me ajuda... É... nesse momento de isolamento, acredito que ajuda todos os outros integrantes também. Porque uma coisa é você ficar é... sozinho em casa. Bate vários

pensamentos nada a ver, a cabeça a milhão... é várias coisas que você pensa: "ah, eu preciso fazer isso, eu preciso ser essa pessoa que a quarentena rende, eu preciso fazer exercício.... eu preciso estudar, eu preciso isso, eu preciso aquilo", mas o grupo de estudos, o coletivo Mesquiteiros é um respiro. É um respiro na nossa vida e ajuda muito a gente a poder lidar com tudo isso. Atualmente a gente tá realizando as atividades online.

O grupo de estudos funciona na plataforma Zoom, acontece todos os sábados, das onze à uma e meia, e nos sábados que têm saraus... a gente faz o encontro a partir da uma e às três horas a gente faz o nosso saraus. A gente tem os encontros literários que acontecem pelo Instagram, através de... do... da transmissão ao vivo. A gente também tá, tá com os saraus acontecendo ao vivo, pelo Facebook também: www.com, www.facebook.com/sarauosmesquiteiros. Curti lá a gente, siga a gente, vê nossos vídeos, @sarauzinho, no Instagram. A gente tem várias redes sociais. Vão acompanhando aí. E... e é isso, a gente tenta levar, a gente tenta continuar porque é... o.... como o coletivo é um respiro pra mim, eu acredito que seja um respiro pra muitas outras pessoas.

Com as dificuldades da pandemia do Corona vírus e com o isolamento social... a gente sentiu e as outras pessoas do nosso território também sentiram... essa dificuldade até mesmo na parte financeira. Então muitas famílias... é... amigas nossas, famílias dos próprios Mesquiteiros... acabaram passando por dificuldades, acabaram perdendo emprego, acabaram... é... ficando sem esse rendimento mensal. Então, a gente teve a ideia, junto com o... o... os integrantes dos Trabalhadores do Capes, de Ermelino e região, de fazer uma campanha solidária, que chama... é... a Campanha Casa Poética Solidária – Covid, enfim.

A nossa campanha consiste em entregar cestas básicas e kits de higiene pras famílias que estão necessitadas aqui no nosso próprio território. As pessoas que a gente tem contato... as pessoas chegam na casa... é... contando sua história, precisando, a gente pega os e a gente tenta... ajudar da melhor forma. A gente não entrega só o alimento e a higiene, a gente entrega também poesia... todos os nossos kits vão com um livro... vão com uma mensagem, vão com uma máscara, pras pessoas... poderem sobreviver a esse momento. Porque a gente não vive só de... alimento, a gente não vive só de higiene, nosso ser precisa também de poesia, nosso ser também precisa de literatura. A vida tá nas palavras. E as palavras que movem a gente. Eu acho que é isso.

ENTREVISTADA:

REBEKA CAROLINE

ENTREVISTA TRANSCRITA:

É um texto do Vitor Rodrigues, que eu faço muito nas escolas, quando nós vamos fazer sarau. O nome é "Miniatura".

"A Bela Adormecida agora vive acordada, a base de remédio, sempre estressada. Na Terra do Nunca invadiu o trabalho infantil, produção em série, rentável como nunca se viu. Animais de espécies raras, estão em extinção, [não mais] pica-paus, os Pernalonga, frajolas, porquinhos, Patolino, nem pequeninos Piu-Piu. Tom e Jerry correram. Os Ursinhos Carinhosos se enfureceram. Zé Colmeia partiu e o Scooby-Doo sumiu. Não existem mais reis leões e nem meninos lobos nas florestas. Não é mais fantástico o mundo de Bobby. Os Flintstone são civilizados. Os Jetons estão ultrapassados. A Turma da Mônica brigou e se desuniu. A Bela é aquela que agora espera a Fera que perdeu a hora a Fera que foi embora e bateu a porta, a Bela que agora chora e aborta. Cinderela se... se divorciou, os anões pediram demissão, Alice voltou, limparam as migalhas do chão, Aladim largou Jasmine, a Chapeuzinho mandou a Vovó pro asilo, Pinóquio foi trocado por marfim, fizeram couro do crocodilo. O Bicho-Papão veio assustar, trouxe a Cuca pra pegar, o Boi-da-cara-preta pra ajudar, e não tem herói pra salvar a amarelinha desbotou, a corda está arrebentada, o barquinho afundou, a bolha foi estourada, o pequeno bote virou, a Dona Aranha está cansada, a Adoleta acabou, a Borboleta tem empregada. Sem cozinha, sem comidinha, sem passa-anel; se quer casinha paga aluguel, sem sujeira, nada de papel, nem pipa, nem avião; sem ciranda ou carrossel; nem bola, bolinha ou balão no céu, nem figurinha ou pião no chão a graça se esconde-esconde porque a cabra-cega agora enxerga. O Gato-mia mas não se sabe de onde; melhor fugir se não pega-pega. Roubaram a bandeira e ninguém sabe de nada; Corre cotia pra não ficar queimada. Lencinho branco manchado caiu no chão e foi deixado. Moça bonita de coração gelado; João? João é bobo, não serve pra namorado. Duro... duro ou mole, quente ou frio, morto ou vivo; agora tanto faz. A batata é fria, seu mestre não manda, a estátua anda sem motivo. Nem cravo, nem rosa, nem lenda, nem prosa. Era uma vez nunca mais".

Vitor Rodrigues.

Rebeka Caroline: É... eu tenho vinte anos... eu terminei o Ensino Médio em 2017. E no começo desse ano... eu entrei na faculdade Instituto Singularidades, pra fazer Letras. Só que como teve a pandemia... Eu comecei a ter umas crises, assim.... e também por conta do dinheiro, porque... a minha bolsa era de 75%, então eu pagava a outra parte. E por conta disso eu tive que me ausentar, eu me afastei, tranquei a faculdade. E pretendo voltar, quando a situação melhorar, né? O pessoal ainda me mandou mensagem, perguntando... se em agosto eu ia conseguir voltar. Mas por conta da pandemia, as contas de casa... eu acabei não voltando. E... que mais? Meu pai!

É... meu nome é Rebeka Caroline. Todo mundo me chama de Rebeka ou de Roxena. Que é por causa de um texto que eu escrevi, que tem no "Pode Pá Que é 10". E no texto eu acabo falando Roxena como o nome de uma personagem... E aí pegou. Mas quem me chama assim é mais o pessoal do grupo mesmo, só os mais íntimos.

E... Meu pai amado! Eu... conheci o grupo por causa do Rodrigo. Eu estudava no Lino de Mattos... e aí ele entrou como professor suplente lá na minha escola... um dia normal, tranquilo, aula de história, ele entrou... e aí do nada ele já começou a mexer nas mesas, começou a arrumar tudo e falou: "a gente vai fazer um sarau aqui hoje". Eu não tinha noção do que era um sarau. Tinha doze anos, não sabia nada da vida, ainda não sei. Mas... e aí ele já arrumou as mesas, fez um círculo... e nisso ele já chegou e já mandou uma poesia... que é "Palmares". Na hora que ele falou aquela poesia... eu fiquei boquiaberta, eu falei: "meu, eu quero fazer isso!", "olha o quanto as pessoas tão prestando atenção em você, na sua fala...". Porque é uma coisa muito difícil ainda pra um jovem, uma criança, alguém realmente prestar atenção no que você tá falando.

E aí quando ele fez aquilo eu falei: "nossa, uau", aí eu já peguei um livro também, já recitei um poema lá na frente. E aí alguns dias depois... ele entrou na sala pedindo os nomes pra saber quem queria participar de um sarau. Porque no Lino de Mattos todo ano tinha uma... a Amostra Cultural... que era em agosto. E aí rolavam vários eventos, e ele ia fazer um sarau nesse dia. Aí a gente começou a se encontrar... hum... eu estudava no período da tarde e aí a gente se encontrava... entre 12h30 e 13h30... e começou a ensaiar os textos. Aí eu lembro que ele chegou e colocou um monte de textos em cima da mesa... e falou: "cada um de vocês vai escolher um, pode fazer em dupla, do jeito que vocês se sentirem a vontade". E aí tinha minha amiga Bruna,

e nisso eu e a Bruna nós escolhemos "Minha Conduta", e é do Mano Teko. E aí a gente começou a ensaiar com base nesse... nesse texto que a gente escolheu. E... ah foi... foi muito gratificante. É... Eu me emponderei muito assim, na minha fala... em tudo, no jeito... e... o Rodrigo ele ajuda mu... Rodrigo e todo o coletivo hoje em dia, ajuda muito nisso na... no modo como você fala também. Porque tem isso de você falar acelerado, falar baixo, não olhar nos olhos das pessoas... que são coisas muito importantes pra conseguirem também te entender.

Olha, é uma coisa engraçada porque assim, é... a Jaqueline mesmo falou sobre o negócio do teatro e tudo mais... ele também falou isso lá na minha escola, na época. Eu fui super empolgada mais uma amiga minha, Letícia, que também fez parte do coletivo por um tempo, fui super me perdi, não achei o lugar onde era, acabou que eu nem fiz parte da parte do teatro e tudo. E aí, depois de um tempinho, ele falou que ia abrir umas vagas pra poder fazer parte dos Mesquiteiros. E aí, no dia, fui até no... na biblioteca Rubens Borba, e aí eu fui lá, e aí tinha um papelzinho com umas perguntas sobre o que que eu queria dentro do coletivo, é, como isso ia me afetar diretamente, tudo mais, e aí eu fiz lá, preenchi as coisas, recitei um poema também, e no mesmo dia ele já falou: "não, vem com a gente, participa do grupo", e aí depois desse dia já entrei... e eu acabei até me afastando um tempo, eu fiquei uns meses afastada quando eu comecei a trabalhar, porque era de sábado, e aí eu precisava trabalhar de sábado, né... num deu, mas aí depois eu acabei voltando. Como a escola Lino de Mattos é na rua da minha casa, eu sempre, às vezes, encontrava com o Rodrigo, alguém do coletivo, e eles sempre falavam: "ah, cê não vai voltar?". "Vou, um dia. Vai dar tudo certo". E aí teve um dia que eu mandei mensagem pro Rodrigo, que foi quando as coisas melhoraram, a situação na minha casa, e aí eu mandei mensagem perguntando qual que era o horário ainda, se eu podia voltar e tudo o mais. Ele falou: "não, só vir, mesmo horário de sempre". E aí voltei, firme e forte.

Fernando CPDOC Guaianás: Quando foi essa volta?

Rebeka Caroline: Foi em 2017, quando eu tava no terceiro ano. Que aí eu comecei a ficar até mais frequente nas realizações dos saraus nas escolas. Que aí eu já saia da escola, ele às vezes me buscava na porta da escola, a gente já ia e fazia outros saraus. Era, é bem bacana.

Fernando CPDOC Guaianás: Que eu é os "Mesquiteiros"? O que é esse coletivo?

Rebeka Caroline: [Risos] Pra mim ou...?

Fernando CPDOC Guaianás: Pra você.

Rebeka Caroline: Pra...

Fernando CPDOC Guaianás: No geral e pra você.

Rebeka Caroline: Ah...

Fernando CPDOC Guaianás: Isso.

Rebeka Caroline: Eu vou falar primeiro pra mim. Os Mesquiteiros, é... me ajudam muito como pessoa. Ah, eu tenho até vontade de chorar, que horror. Me ajudam muito como pessoa porque assim, eu... eu era... eu sou uma pessoa um pouquinho difícil assim... e eu era muito grossa, eu era muito ignorante com as pessoas, horrível e me ajudou a ter mais paciência, a conseguir lidar melhor com as pessoas, até porque a gente lida com o público. E hoje em dia a gente também faz sarau infantil, então tem toda uma delicadeza, um jeito de você lidar com as pessoas e aí me ajudou muito com isso. E assim, os Mesquiteiros eles... ajudam no geral, tipo, aqui na quebrada, um coletivo só com adolescentes, jovens, [a]onde que cê encontra isso? Lugar onde os jovens tem fala ativa, podem se posicionar e, tipo, ninguém vai ignorar o que você tá falando. É muito importante isso, assim.

Oh, nós temos, um grupo de estudos que são com mais ou menos trinta pessoas, e aí a gente se encontra todos os sábados. E eles também, o pessoal dos Mesquiteiros, ajudam... todo mundo participa nos saraus que acontecem nas escolas, e em todas as outras atividades, como o Rachão, todo mundo. Porque o rachão é aberto, né? Que é o Slam de batalha e poesia, então qualquer um pode participar. É, e aí o pessoal do coletivo acaba participando também.

É... os Mesquiteiros é um coletivo de poesia e que a gente... que trabalha muito com afeto também, entre os próprios participantes do coletivo e qualquer pessoa fora. Tanto que não é um coletivo basicamente só de poesia, a gente se ajuda com coisas pessoais também, da própria vivência. Sempre que alguém não tá legal, o outro ajuda, que é uma coisa fundamental. Por que se a gente não tá bem com nós mesmos, como que a gente vai lidar com outras pessoas? E aí, os Mesquiteiros ajudam também muito nisso. E uma coisa que gosto muito, é, em relação à poesia, é com as crianças. Porque, agora que a gente faz sarau com as crianças, é outra pegada. E é muito gratificante você chegar numa escola ou até mesmo dentro da sua casa e trazer um poeminha ou então uma cantiga, alguma coisa e a, tipo a criança se ilumina vendo algo assim. E ela também tem um espaço no palco, pra poder se apresentar. E os Mesquiteiros, trazendo isso, eu acho muito importante. As crianças, desde pequeno, interagindo no meio da cultura, é, é muito bom. Lá dentro da minha casa eu faço muito isso, com as minhas sobrinhas.

Eu já levei elas nos saraus, elas já subiram no palco, cantaram, e recitaram poemas. E é lindo. Tipo, às vezes a gente tá em casa e aí tem a musiquinha, que é "Pra onde eu vou? Vou pro

Sarau!", que a gente sempre canta em todo começo do evento. E a minha sobrinha, vira e mexe, ela começa a cantar em casa, do nada, essa música e ainda pergunta: "quando que vai ter sarau de novo?". E quer participar e é muito bonito assim, eu gosto bastante.

Fernando CPDOC Guaianás: Como é que vocês organizam o sarau [infantil], acontece onde? Como é que é a organização dele? Fala um pouquinho da organização do sarau [infantil], desde a pré-produção até a...

Rebeka Caroline: Então...

Fernando CPDOC Guaianás: O evento?

Rebeka Caroline: Oh, depende muito do lugar. A gente já chegou a fazer... a gente faz bastante em Sesc, e em escola também, depende do evento, mas no geral a gente sempre usa um macacão, que é bem aquele de Buffet, todo colorido, e aí coloca sempre uma camiseta dos Mesquiteiros, que é ou rosa ou uma que chame bastante atenção. E aí a gente sempre separa uns poeminhos bem curtinhas. Geralmente algumas das crianças não sabem ler, então a gente sempre prepara uns mais pequeninhos ou alguns grandes pra quem sabe.

Na hora a gente pergunta, se sabe ou não ler, pra gente poder ajudar. Porque aí os pequeninhos já são mais fáceis, a gente fala, eles repetem, os que já são mais grandes conseguem ler sozinhos, e aí tem todo esse preparamento, e a gente separa algumas músicas também, bem aquela Galinha Pintadinha, as mais clássicas, que todo mundo sabe, pra na hora do sarau a criança poder cantar sozinha ou a gente ajudar e bater palma, e aí a gente sempre faz uma fila e aí fica as criancinhas lá, a gente já separa o poeminha, ela escolhe qual que ela quer, e vai chamando um por um, e vai fazendo mó bagunça organizada, vai ficando uma coisa muito bacana, assim.

Ah, acho que é o evento que eu mais gosto dos Mesquiteiros, mas não queria falar nada....

Fernando CPDOC Guaianás: É...

Rebeka Caroline: Mas... vários pais participam bastante também. E a gente também incentiva muito, né. A gente fala: "ó, cê não tem nenhum pai que vai vir, vai com o filho". E às vezes a criança se sente mais confortável quando o pai vai junto, né? Então...

É, nas nossas redes sociais têm alguns vídeos, sobre alguns dos eventos que a gente fez, assim. E aí tem sobre o sarauzinho, que é o infantil. E vários pais lá no meio cantando junto e... nossa, eles adoram. Tipo, os pais e as crianças. Não sei quem gosta mais, mas assim, é bem bacana. Sarau normal que é pros adolescentes e os adultos. E não tem uma... faixa etária determinada, assim, pro sarau mesmo.

O Sarau dos Mesquiteiros, nós realizamos bastante nas escolas também, que eu acho que é um dos pontos mais "tchans" assim. Que é quando a gente trabalha com os adolescentes, só que sempre tem uma pegada diferente, porque às vezes é Fund. I, às vezes é Fund II. Então de acordo com a faixa etária das idades das crianças, pelo menos nas escolas, a gente já prepara um poema diferente, com uma performance diferente lá na hora. Mas aí, geralmente, é isso. A gente chega, faz o cortejo, que o cortejo é a música do "Pra onde eu vou? Vou pro saraú", e aí a gente explica isso antes, o pessoal canta junto com a gente, e sempre tem o lance de ser um palco aberto com o microfone aberto, qualquer pessoa pode participar. Desde um professor, eu tô me referindo à escola, desde um professor à uma moça da limpeza, qualquer pessoa pode participar. A gente foca nos estudantes mas todo mundo pode participar. E nos saraus dos Mesquiteiros, que são fora das escolas também, é a mesma pegada. Todo mundo pode participar, o microfone é aberto, todo mundo tem uma total liberdade, pra poder se expor e cantar também, tem muita gente que gosta de cantar. E antigamente, é que hoje nunca mais vi, pelo menos, tinha muito esquetes, umas peças de teatro curtinhas, que o pessoal fazia no meio do saraú ou então no final, assim. E era bem bacana.

Como é um espaço novo ainda, tem muita gente que não conhece. Mas que é um espaço importante, é, porque pelo menos aqui na região, é, temos a biblioteca Rubens Borba, a ocupação Mateus Santos, só que pro tanto de habitantes que tem aqui, falta ainda muito espaço, assim, pras pessoas poderem se apropriar. E poder participar das atividades que tão tendo, então, é complicado isso. Conforme entrou a pandemia, o isolamento, não teve como ter muito essa divulgação aqui, assim. Só que a gente trabalha muito com a divulgação nas redes sociais. E agora, tem uma caixa, é... Caixa Poética que, não tá aqui... é, a gente tá colocando alguns livros, dentro dum caixote, tá deixando ali fora. E aí tem também um caderninho onde a pessoa pode colocar o nome dela, o número e acessar também as nossas redes sociais, pra tá acompanhando os eventos que a gente tá fazendo online. E aí os livros pode pegar, pode levar pra casa. Se quiser colocar um outro livro aqui e deixar, é totalmente aberto. E é bom que, no primeiro dia, foi todos os livros, e aí sempre quando a gente coloca a caixa lá fora todo mundo pega os livros, e é gratificante vê que as pessoas se importam com isso. E conforme elas vão passando aqui na frente, vão tendo esse contato com a literatura e tudo mais elas, quando abrir, obviamente vão voltar pra poder querer saber também como é o espaço e se apropriar, do espaço que é de todo mundo também.

Tô no coletivo desde 2012. E quando eu voltei forte, em 2017, porque eu acabei me afastando um tempinho, eu comecei a ficar muito mais ativa nas atividades, junto com o Rodrigo. E aí, em 2017, eu fiz dezoito anos, e aí a gente mandou o Edital lá, pro Fomento à Cultura da Periferia, da segunda edição. E ele incluiu meu nome, como eu já ia fazer dezoito anos, eu podia participar. E aí em 2018, a gente começou a realizar as atividades porque a gente conseguiu o Fomento. Em 2018 a gente realizou o lançamento do Concurso Literário. Que foi o auge assim, pra mim, do momento mais feliz porque foi muito... foi muito importante pra mim, fazer parte todo de um processo de um livro que tava sendo formado, e ter o contato com poesias de outras pessoas pra poder montar todo um livro, e quando teve o evento, do dia do lançamento do livro, foi, foi pra mim o meu [maior] momento de alegria, dentro do grupo, pelo menos. E aí depois teve o livro do ano passado também, que eu também tava presente assim na diagramação e tudo mais. Ajudando a... na revisão das coisas. É, mais assim foi 2018, lançamento do livro. Foi muito importante.

Fernando CPDOC Guaiánás: E dificuldades? Crises?

Rebeka Caroline: [Risos] Ah, o coletivo desistir, eu acho que não, porque, é, é uma coisa tão importante que eu acho que se um sair, sempre ia ter uma outra pessoa querendo agregar e querendo fazer ser mais. Mas assim, eu já pensei em sair algumas vezes, mas por coisas pessoais minhas, por crises e momentos difíceis da vida do ser humano. Só que... como tem o lance do afeto dentro do grupo, é, todo mundo é muito parceiro. É muito família mesmo o grupo, assim, dos... da sua forma, cada um também respeitando o seu espaço pra não invadir muito. Mas assim, sempre apoiando e conseguindo fazer o máximo possível. É, tem o lance de... precisar de psicólogo né, algumas pessoas... e aí sempre tem isso do tipo, se precisar de um contato, vamo atrás disso, vamo vê, vamo te ajudar a se curar, a ver... a entender o que você tá passando, a você se entender. Tem uma coisa muito assim, forte, que é e muito bom, né, porque eu acho que, às vezes, se não fosse esse apoio dentro do grupo, eu não sei o que seria de muitas pessoas, sabe, no grupo mesmo. Porque eu... se eu saísse, eu não sei o que seria de mim. Porque por mais que eu tenha o apoio da minha família, é, é um apoio diferente, aqui de um grupo com pessoas que têm outras vidas também e ainda se preocupam com você? É, é muito bom. Você conhecer alguém há pouco tempo e como essa pessoa consegue se abrir com você e o quanto você também se importa com isso, mesmo sendo uma pessoa, às vezes totalmente aleatória, que não é do seu convívio e ah... o peso que tem, a importância da gente tá ali ajudando, todo mundo sente, não tem jeito, eu pelo menos tem um amigo meu que eu conheci recentemente, conheci que eu nem conheço mas é uma coisa mais pela internet, e ele tá passando por umas crises assim, e eu não

tenho coragem de deixar de responder, deixar de tá ali, mesmo eu tendo os meus problemas. Porque eu sei o quanto é importante você tá conseguindo ajudar alguém que não consegue pedir ajuda pra alguém que tá... perto.

Assim eu... eu não gostava de poesia. Não gostava de livro, não gostava de nada. E aí, quando eu conheci o Rodrigo, que teve todo o lance do sarau, dele ter recitado lá a poesia, eu comecei a me interessar muito. Porque eu falei: "meu, não era aquilo que eu pensava". Pensava que era uma coisa boba, que "meu, ninguém vai me escutar, [pra] que que eu vou ler um livro?", e aí, depois que teve todo o.... é, essa importância do sarau, eu comecei a ler bastante e eu adoro coisa de vampiro.... sim, umas coisas bem diferentes.

Eu acho que assim... eu não sei o que seria da minha vida sem sarau. Eu... hoje em dia, eu não me vejo fazendo outra coisa, a não ser dando aula. Mas assim, não consigo ver a minha vida sem uma poesia, sem um livro, sem ler algo e às vezes nem entender diretamente o que que aquilo é, mas senti dentro do meu coração que é alguma coisa boa, e.... poder também passar isso, pras minha sobrinhas, porque eu já fui me envolver na poesia com doze anos. As minhas sobrinhas têm cinco, e sete. E aí eu já comecei a envolver elas nisso também e elas também passam pra outras pessoas. Teve um dia que a minha sobrinha tava inventando uma historinha prum outro menininho, que tava lá na minha casa, e eu achei a coisa mais linda do mundo. Eu falei: "meu, e eu que incentivei ela com isso!". E aí... pra mim o gratificante é isso, eu ver que eu também posso mudar a vida de outras pessoas, com a poesia.

Eu gosto muito de escrever, é contos. Poesia... eu acho que não é o meu forte. No formato escrito mesmo, do papel. Eu gosto mais de um texto corrido, e eu gosto também, muito, de enfatizar o ponto final... Eu uso muito o ponto final, em todo o texto que eu escrevo, pra enfatizar, justamente, cada frase... que eu acho importante, cada coisa que eu falo eu acho importante. Porque, às vezes, se você faz um texto corrido e usa muita vírgula, pelo menos pra mim, as pessoas deixam passar batido muitas coisas, só vão lendo, lendo, lendo.... e aí, com o ponto final, tem o lance da pausa, então a pessoa tem o tempo de raciocinar aquilo que eu falei e seguir adiante, com as outras coisas, que eu também estava falando... Ah, eu escrevo muito sobre coisas do coração. Porque a vida é triste, ô meu pai!

Rebeka Caroline [recitando o poema]:

“Nunca consegui te olhar rápido demais, você me atiça. Faz meu ser querer observar cada parte do seu universo. Sou intrigada com suas manias e com o modo como pensa. Mesmo depois de todos esses anos eu me sinto viva, de uma forma diferente ao seu lado. Como se todas as borboletas do meu estômago pudessesem por você ser libertadas de uma constante monotonia, onde ficam me causando sensações estranhas. Sou grata por aceitar subir em uma árvore comigo, mesmo com nós dois sem aguentar ficar em pé. Grata. Pelo seu toque quente sobre a superfície da minha pele gelada, enquanto eu me empurrava, no balanço da praça onde nos conhecemos. Grata. Por todas as gostas de chuva que percorreram cada parte de nossos corpos, aquela madrugada em que o seu sorriso era a única iluminação da rua. Grata. Pois você me olhou de uma forma lenta e singela, me acariciou, deitou no chão comigo e observou o céu totalmente nublado, com brilho nos olhos, parecendo ver a coisa mais esplêndida. Tú conseguiu passar por cada barreira ao meu redor, deixando elas enfraquecidas, mas somente por você. As conversas e sonhos são renovadas a cada pétala caída, da árvore de flor roxa, que nasce no jardim da minha casa. E o cheiro dela te faz voltar aqui sempre. Trazendo novos hematomas de suas aventuras, com outras pessoas. E eu já pensei em destruir todas as flores, mas quero que você venha sempre que puder. Quero contornar sua boca com os meus dedos diversas vezes, enquanto você sente cócegas e sorri, passando a mão sobre os meus cabelos bagunçados conosco sobre o sofá da sua sala, assistindo algum desenho idiota na TV quero teu cheiro sobre o meu, doces pra dividirmos... eu não consigo, simplesmente, parar de querer tudo de bom e ruim que te acompanham pois, isso me faz transbordar. Eu... eu não amo você, e mesmo se eu chegassem a amar um dia, eu não iria conseguir rotular tal sentimento. Isso aí.

Allan CPDOC Guaianás: Esse é seu? É, esse é meu.

Suyane Santana: E [do] Rodrigo Ciríaco

ENTREVISTADA:

SUYANE SANTANA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Suyane Santana [recitando poesia]:

Quando o dia não amanheceu - Ryane Leão

“Quando ajoelhada, eu chamei pelos deuses as duas da manhã, no chão da cozinha de casa. Quando o asfalto queimou meus pés e as calçadas não deram conta de abrigar meu choro. Quando na minha cabeça moravam vozes demais que me cortavam com tudo aquilo que diziam Quando a garganta secou, o estômago ardeu. Quando os meus passos estavam turvos quando pesadelos eram os sonhos mais próximos quando a memória só me sabotava e me confundia a realidade. Quando eu olhei no espelho e não vi nada além do muro que criei pra me defender e mesmo assim, em pedaços. Quando a minha carne sentiu falta de toque e de afeto. Quando despedidas ainda me pesavam. Quando as luzes da cidade já não me encantavam mais. Quando eu tomei banho de chuva até alagar por dentro. Quando sempre desabando nunca fincando os pés. Quando cada poro tava ferido. Quando tudo foi fim... ainda assim, eu fui palavra e por isso... só por isso... eu não morri”.

Suyane Santana: É... bom... meu nome é Suyane Santos Santana, tenho 22 anos, moro aqui na Zona Leste, em Ermelino Matarazzo. É... estudei na Escola Estadual Benedita de Rezende é..., onde também estudava uma outra integrante do coletivo que é a Jack... e foi por ela que eu... conheci o coletivo. Ela tinha uma amizade com a minha irmã, é... em uma, em uma dessas conversas com ela minha irmã citou o meu interesse pela arte e como a Jack já fazia arte do coletivo ela deu um... esse toque pra minha irmã pra eu... chegar... da, dá uma conferida no coletivo em algum sábado é pra ver como é que era, pra vê se eu ia gostar. É... e ela tinha me dito que era oficina de teatro, e eu sempre fui apaixonada por isso, então... me deu mais vontade de ir. É... e eu me apaixonei na, desde a primeira vez, do dia que eu fui... até os dias atuais.

Fernando CPDOC Guaianás: Que ano que foi?

Suyane Santana: Foi em 2015.

Suyane Santana: É... o Rodrigo... é interessante falar isso, porque o Rodrigo... colocava pra chamar a atenção, né, "olha... tá tendo teatro". Porque falar de poesia era coisa muito distante, o pessoal não tinha muito interesse, assim... então... o teatro como era mais popular então... era pra atrair o público, então... então a gente ia. Só que chegava lá não era necessariamente teatro [risos], era mais a poesia em si, me senti um pouco enganada? Me senti [risos] Mais... é... eu fui, me apaixonando, por esse lado que... eu não sabia que, que era tão próximo a mim, assim, que era possível que na escola sempre foi muito distante, assim... uma coisa muito obrigatória. Mesquiteiros ele faz com que... deixe... o que... que fique mais próximo a você mesmo e que

não seja uma coisa assim... de outro mundo e... então... eu... enfim, eu sou apaixonada por ele até hoje.

É antes de entrar no coletivo a minha... a minha relação com a escrita, nunca foi próxima. Nunca foi... uma coisa que eu fazia sempre. Aliás, nunca fiz. Então quando eu entrei eu fiquei com esse receio também assim, tipo: vou entrar numa oficina de poesia... e nunca, nunca tive contato assim, nunca foi algo estimulado, é... então foi uma das preocupações. Mais... quando você, tá em contato, ela simplesmente brota. E você entende que a poesia está em tudo no que você faz, tá nos detalhes. Então... quando a gente tem essa noção, a coisas começam a fluir, naturalmente. É... eu comecei a escrever no próprio ano que eu entrei, e... falando de temas próximos a mim. E eu lembro que... minha primeira poesia foi de... foi o tema, foi timidez, que eu era muito travada, eu era.. eu não conseguia abrir a boca... não conseguia levantar a cabeça de timidez. E o grupo me deu... esse incentivo de me libertar, e... em todos os sentidos. E foi a partir daí que comecei a escrever. É o tema foi timidez, como eu tinha dito e a partir daí eu fui vivenciando outras coisas, fui vendo outras coisas de outras pessoas e a partir daí eu fui escrevendo sobre... sobre as minhas vivências mesmo.

É quando a gente fica em contato com os Saraus... é, né, tem vários Coletivos espalhados pelo Bairro e por fora. A gente começa a prestar mais atenção no... nas vivências das pessoas que tão falando, e aí a gente se identifica. A gente vai vendo que aquele cruch é uma poesia, que sentir é uma poesia... e então a partir daí eu fui escrevendo sobre isso. E fui... fui... fui... fui às vezes a gente nem vivia necessariamente àquilo, mas de tanto você escutar a história de amigas, é... a gente vai escrevendo sobre isso. É... acho que o processo criativo vem da... das vivências mesmo e de você entender que... o que você faz é poesia.

Fernando CPDOC Guaianás: Qual que é a sua função, no... no Coletivo?

Suyane Santana: É atualmente eu tô fazendo os Sarau dos Mesquiteiros, agora com a pandemia online. É... onde eu apresento, chamo é... o resto do Coletivo pra... pra recitar também e no... no grupo de estudos, dos sábados que a gente faz sempre da 11h a 13h30, onde a gente estimula a criação literária. Memorização, desculpa [risos], de poemas... é... estimula com exercício e... e nessa pegada onde eu fico.

Era oficina, mas aí ficou grupo de estudos mesmo assim. Bom... é... a gente propõe exercícios...

é... de, da vivência mesmo deles, do que eles... a gente estimula, mais né? Pra que possam escrever sobre o que eles vivem Temas que são próximos. A gente vai... como eu disse antes, em Saraus em Slam e trazem temas que são da do cotidiano. E... a gente faz com quê... estimula com que eles escrevam sobre isso. Acho que é basicamente isso. Ah o grupo de estudos tem um... uma importância gigantesca por conta do afeto. É onde a gente se... se desliga de tudo assim... Dá um, um... aquele suspiro, dá aquela, aquela leveza... Apesar de falar de tema extremamente importantes e pesados, né? Que a gente tá vivendo e que a gente vive... Ele faz com que a gente... transforme poesia... e fique melhor, é... de lidar com aquilo, fazendo com que a gente fique forte mesmo, em meio ao caos. Acho que o grupo de estudos tem essa importância.

Fernando CPDOC Guaianás: Mas... o grupo de estudos é aberto ao público?

Suyane Santana: Não. É... a gente abre inscrições num certo período, atinge um... até um número, né, exato de pessoas... e fecha com aquela... aquele núcleo. E a partir dali a gente vai propondo os exercícios. A gente vai tendo os encontros nos sábados. E por aí vai... até quiserem...

A gente tá... a gente escreveu, né... pro pro Fomento... é... onde tem umas dessas ações que é de publicar livro com essa garotada nova que chegou. E que escreve muito. É... Toda vez que tem Sarau, as poesias que eles recitam sempre são autorais. E nesse grupo de estudos, a gente propõe exercícios literários com temas próximo a eles. E... dessas criações, a gente faz com que eles, lavem o texto! Que é o lance de você rever reescrever, deixar ele ali paradinho, depois volta nele. É compartilhar com, com o Coletivo pra..., pra gente dá uma avaliada entre aspas, que não é um julgamento, mas é só uns toques que a gente pode dá. E a partir daí, pensar na publicação. Onde aconteceu outras vezes aqui no nosso box, onde tem todas as publicações que a gente já vez durante esses anos... Bom... a primeira vez que eu, que eu escrevi um texto e publiquei foi, foi mágico! Assim... Porque eu acho que... essa publicação que a gente oferece pra pessoas é... é uma possibilidade né? É algo que deixa mais próximo, algo possível. Então... é muito importante a escrita e esse projeto que a gente faz.

De ser possível mesmo sabe, de não ser algo distante de você. Quando, é... eu entrei no coletivo, já haviam sido lançados outros livros, né? de outros volumes. Eu achava muito chique assim, uma coisa muito distante. Nunca que eu ia fazer isso... não conseguia nem escrever antes do coletivo. Então, quando eu entrei e foi aberta as oportunidades... tipo, de você poder escrever,

você consegue escrever. Então uma coisa que era absurdo pra mim. Mas... é possível, você consegue. Em... A partir daí já tava ótimo pra mim. Só de poder escrever. E então poder publicar. E poder mostrar pra minha mãe. Poder fotografar e mostrar pra outras pessoas é... é extremamente importante e incentivador assim. É como se... você consegue fazer mais coisas, e... e inspirar outra pessoas, é... outras crianças no bairro. Achar que o que você escreve é besteira, que pode ser publicado.

Allan CPDOC Guaianás: E esse material é um exemplo disso?

Suyane Santana: Ele é. Com certeza. E eu gosto de... de vê os... os os poemas do começo, né, que eu entrei em 2015, até agora. Quanto que amadurece! Quando eu volta lá pro primeiro, já não é uma coisa tão absurda assim... ainda existe uma timidez. Existe! [Risos] Mas não é mais aquela Suyane de 2015, então, é esse amadurecimento. Vê os temas que eu abordo nos textos. e... que não aconteceram exatamente comigo, mas como eu falei, de vivenciar, de escutar. E... e de você ter essa percepção, de como as coisas acontecem em volta de você e como você pode poetizar isso. É mais ou menos isso.

Fernando CPDOC Guaianás: O que que você achou, que assim, foi muito... foi o ápice assim? Pra você foi assim marcante? Pra você assim, foi ufa? Isso... é... pra você foi muito importante?

Suyane Santana: É que graças a Deus são muitos! é... [risos] São muitos! Acho que... assim... eu... [Choro] Ai gente, pera aí que eu vou chorar!... sempre quis ser... Aí, não consigo... [choro],

Allan CPDOC Guaianás: Sempre quis escrever?

Suyane Santana: É... eu sempre quis pisar num palco por exemplo. E era muito distante, era uma coisa que eu não imaginava. Que faço hoje, eu faço teatro, eu faço lá... eu faço, né... Teatro Escola Macunaíma. Antes disso é... era muito distante assim, antes do Coletivo entrar na minha vida. Era era..., era tudo muito longe pra mim. Era muito impossível. Essas palavras eram muito reconhecido na minha vida. Então com o Coletivo... é... de... abrir um livro, e ver o meu texto lá, uma coisa que eu fiz tão inocente e tá lá, e que outras pessoas vão se identificar. É muito marcante é... está... A gente já foi pra vários lugares, vários SESC, a gente já pisou em vários palcos. A gente já emocionou várias pessoas. Eu acho que o ápice é... o ápice que você perguntou... tá... tá nesses detalhes, principalmente quando as pessoas é... se identificam com a poesia. Abraça a gente porque se sentiu acolhida. É... eu acho que que tá nisso.

Fernando CPDOC Guaianás: É... momentos de crise tanto do coletivo, dificuldades assim... A gente sempre pergunta assim se o coletivo pensou em desistir... mesmo na sua trajetória. Você entrou em 2015 até agora? Teve um momento assim que o coletivo pensou em desistir, assim: "ô não dá!" ou você mesmo também em relação ao Coletivo?

Suyane Santana: Eu acho que o coletivo em si não. Desistir não! Eu acho que... por mais que sejam motivos muitos fortes agravantes a gente sempre... Não sei dizer. Mas eu acho que a sempre, sempre acha que consegue superar e passar. E a gente superou e passou, até agora. Eu, eu já. Eu já, porque... é... enfim... muitos, muitos problemas que você acha que não vai consegui... É... que você acha que não vai se adequar, não vai consegui levar todo mundo junto assim... é coletivo, vida pessoa "tanrānran...tanrānran". É... a gente pensa que é o fim, né? Mas aí quando a gente olha pro coletivo, vê a trajetória, vê pra onde já te levou. O que já te realizou como pessoa, é esse motivos faz com que a gente continue. Mas aquele sentimento de... de... que não tá fluindo muitas vezes, acontece... mais os motivos pra continuar são maiores. Acho que é isso.

Fernando CPDOC Guaianás: E as dificuldades, assim? O grupo já passou por algumas dificuldades, perrengues mesmo, assim? Nem assim se desistir... mas as dificuldades mesmo assim, lei lá! Financeiro, e de espaço ou de organização. Quais são as maiores dificuldades, assim? Ou que já passou um período assim de dificuldade assim?

Suyane Santana: Acho que agora, sabia? com certeza já teve alguns perrengues antes, mas acho que agora de você... da gente... A gente sempre quis ter um lugar próprio, um lugar nosso, um lugar onde a gente pudesse abrir as nossas... as nossas portas. Receber, todo mundo, fazer as nossas atividades. É... e quando a gente conseguiu aí veio a pandemia. Acho que essa, é um... uma coisa que deixa a gente meio assim, sabe? Principalmente no começo, a gente deu até uma pausa nas atividades no começo, porque realmente tava muito difícil. A gente com certeza já passou por alguma dificuldade antes, mas, eu acho que esse é o ápice. Porque a gente é... saraú, é aglomeração, é aquele, todo mundo junto: "é... gente vem recitar, toma, abraça e beija". Ficar... sem é... isso... é óbvio que é global todo mundo, que tá assim. É... mas acho que essa foi a maior dificuldade, tá sendo. Mas ai a gente consegue passar por isso, por conta do afeto que a gente construiu mesmo. E de... de não deixar a peteca cair. é... mesmo online, mesmo tendo esse distanciamento. Acho que é... acho que isso.

A importância do espaço no Bairro? É... é aquele lance de não... não... não ter algo próximo e ter que ir por centro, né? Saí daqui, pra ir para outro. É... entram esse ponto de resistência aqui no, no bairro, é muito importante, porque aqui você... Eu queria que tivesse isso na minha infância sabe? Eu queria, "Ah! Vou na Casa Poética ler um livro. Conhecer a Carolina Maria de Jesus", ter... ter textos nos quais eu me identifico, então, o espaço, tem essa esse acolhimento. E na minha vida, principalmente, porque... é onde eu me identifico mesmo. Acho que é mais ou menos isso.

Allan CPDOC Guaianás: Qual que a impressão da sua família em relação a sua convivência aqui também. Pode falar dessa relação.

Suyane Santana: É... a minha família já gosta de Sarau, de Casa Poética, de Slam... já tá integrada na vida delas. Elas que respondem por mim: "Num vai não, por Sarau? Alguma coisa assim. Ficou, ficou super importante pra eles também. É... minha mãe vive compartilhando o meu texto [risos], minhas fotos mandando pros parentes. Então eu acho que o lugar tem... tem essa importância de... de ser algo... Não consigo mais... [choro]

Suyane Santana: É... vou recitar esse poema que tá não Pode Pá, volume 5, "Mar adentro".
Aitoral

Suyane Santana [recitando poesia]:

Menina, o mundo precisa ver o que tanto esconde. Você guarda mistérios entre as dobras de suas curvas? Me deixe desvendá-los. Não precisa se manter em segredo. Aceite convite de ir à praia. Recuse as vendas de maios. Não sirva a eles. Chegue mais perto. Molhe seus pés. Sinta. Entre. Deixe o mar devolver o cabelo que eles te tomaram. Mergulhe o mais profundo em você. Se for preciso, aumente os litros do oceano. Procure, e afunde de uma vez o que te impede de nadar. Dentro d'água é difícil escutar o que estão dizendo do lado de fora. Ouça a voz de dentro. É que importa. Você importa, eles não, é como diz a Dory: Continue a nadar! Continue a nadar... Isso Menina! Sorria. Encante o mar. É confuso, eu sei. Parece que a volta a superfície é o que te deixa sem ar. Mas você não pode engolir tanta coisa assim, tem que ter cuidado pra não se afogar. Há momentos que você estará sozinha na praia. Nem um bote ou alguém de vermelho te vigiando. Será só você. Tem que se salvar. Sente-se na areia, cave um buraco com as mãos. Deixe tudo lá dentro. Tudo. Enterre suas feridas e medos que te travam.

As promessas não cumpridas. As recusas masculinas. Suas inseguranças. As vozes que te fizeram acreditar que todas, menos você é bonita. Enterre as capas de revistas. O manequim 36, os olhares de te jugaram e te calaram. Cada palavra que ainda dói. Enterre as trevas. Deixe apenas a escuridão da sua pele brilhar. Seja luz! Os machucados, o espelho quebrado, a menina que fez 100 cacos. Não permita que corte mais. Enterre tudo que pesa, não fique com nada deles. Nada. Não te pertence. Não se esqueça de dar um grito bem alto, aquele que ficou tanto tempo guardado. Dar aquela estrelinha desengonçada que você não sabe dá Ria de si mesma. Permita-se. E mesmo assim, se ainda não funcionar, respira fundo menina, e volte a mergulhar".

ENTREVISTADO:

RODRIGO CIRÍACO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Rodrigo Ciríaco: Bom... meu nome é Rodrigo Ciríaco, tenho 39 anos. Sou educador de formação. Escritor por falta de opção [Risos]. Fala que não foi uma escolha, né? Aconteceu... mas eu num... não sei fazer algo diferente, ou muito diferente disso hoje. Sou morador de Ermelino Matarazzo, sempre aqui da Zona Leste. Antes eu morava entre Cangaíba e Penha. Um bairro chamado Vila Rui Barbosa. É... sou produtor cultural... há 15 anos. Faço esse meio de campo entre educação, arte, cultura, ativismo... é... é o que eu gosto de fazer.

Fernando CPDOC Guaianás: Como é que você começou a fazer isso?

Rodrigo Ciríaco: Eu acho que de uma certa forma inconsciente, eu comecei já na minha adolescência. Porque meu país eles... é... desde que eu nasci, me conheço por gente, eles foram comerciantes. São comerciantes. E aí eles tinham um bar na região da Vila Ruy Barbosa. E num bar nos finais de semana tinha música ao vivo. E eu sempre fui muito encantado com os músicos. Eu falo que eu sempre tive minha... veia artística acho que um pouco... é... saltada. Minha filha até perguntou esses dias: "O que que eu queria ser quando era criança?" eu falo filha, eu acho que queria ser artista [risos]. Só que eu... não sabia pra onde correr, eu fiz de tudo um pouco. Primeiro foi o desenho. Eu gostava muito de desenhar, fiz curso de desenho. Parei. Depois eu lembro que eu fiz... Aula de música. Fiz de violão. Parei também depois de um tempo. Porque eu falo que sempre tive semancol, tomava sempre semancol. E aí eu nunca me achava bom, ou não me achava dentro da minha régua, sabe? Num estágio... suficiente que eu me sentisse a vontade. Fiz dança também. E aí eu resolvi desisti quando eu fui fazer teatro. Porque eu acho que... antes de conhecer a Literatura, foi das linguagens artísticas aquilo mais que eu quis fazer. Mas aí eu fiz... uns dois anos de estudo livre de teatro com uma turma bem bacana. Com o pessoa da Escola Livre de Santo André. Fiz Teatro do TUSP. Cursos livros! Fiz Teatro do Oprimido, do Augusto Boal. E aí eu falei: "Quer saber? Parei não é pra mim!" [Risos] Aí eu já tava na época de... final da adolescência terminando o 2º Grau. Eu sabia que eu queria fazer História. E aí eu fui pra Educação.

Mas eu sempre gostei muito de escrever. Sempre gostei muito de problematizar as coisas. A escrita, ela sempre foi muito presente na minha vida. A escrita e a leitura. Mesmo vindo de uma família que... eu não tive isso por influência dos meus pais ou dos meus irmãos. Minha mãe fez até a 4ª Série. Meu pai concluiu o antigo 2º Grau. Meus irmãos não terminaram o 1º e 2º Grau. E... mas eles sempre me incentivaram muito. Eu sempre gostei muito de ler. Eu gostava muito de... revista em quadrinhos. No primeiro momento a Turma da Mônica. Meus pais sempre que podiam compravam. Depois ali por 12, 13 anos eu saltei pro universo Marvel. Então eu coleciona é... Wolverine, Homem Aranha, X-Men. E aí... na escola eu também gostava um pouco ler, mas não era aquela coisa leitura do prazer, né? Era mais aquela leitura obrigatória. Então gostava muito de ler Coleção Vagalume. Nessa época eu também conheci um pouco da poesia. A poesia que me chamou muito a atenção foi do Bertold Brecht. Né? O Brecht é dramaturgo, escreve mais peças de teatro, mas ele tem alguns poemas, que, me chamaram atenção. Acho que o primeiro poema que me chamou mais atenção foi o "Analfabeto Político". E aí... isso daí também mudou bastante quando em 2005 eu ouvi falar do movimento de Saraus... é... da periferia de São Paulo. Eu já havia participado de alguns Saraus, mas era aqueles Saraus que tinham inspiração nos Saraus clássicos, né?

Aquela coisa pomposa, chata pra caramba! Que as pessoas não podiam quase nem respirar direito, e tinha que empistar a voz... era muito chato! E aí quando eu ouvi falar da Coperifa, pela primeira vez. Foi através de uma poema chamada Odinha. Nos trabalhávamos juntos numa ONG no centro da cidade, que era o Projeto Travessia. Eu já há 3 ou 4 anos já trabalhava com a população em situação de rua, mas eu trabalhava com a população adulta. E aí... quando eu fui pro Projeto Travessia eu fui trabalhar com criança e adolescente. E era uma equipe multidisciplinar. É... tinha teólogos, é... professores de letra... eu no caso de história. Tinha percussionista, tinha um rapper. E a Dinha, que era poeta, também formada em Letras, ela me falou desse Sarau que acontecia na Zona Sul, na Chácara Santana. E ela me convidou, pra conhecer. E aí... eu digo que foi paixão à primeira vista! Porque... eu lembro até hoje que eu cheguei... vi aquelas pessoas, 150 pessoas reunidas mais ou menos num bar. E durante 2h o silêncio pra ouvir. Só quebrava o silêncio na hora do aplauso. Na hora que convidava ou na hora que... após a apresentação. Dos poetas, das poetas. E aí eu comecei a frequentar mesmo atravessando a cidade. Saindo daqui de Ermelino Matarazzo, na quarta-feira... atravessando as marginais... Marginal Tietê, Marginal Pinheiros. Eu ia lá pra Coperifa, porque era uma forma de eu me alimentar, hoje... Foi o local onde eu... Eu falo onde eu encontrei a minha turma. Eu

sempre me senti muito deslocado, assim.... me sentia perdido. E depois de um tempo também eu retomei a escrita. Porque eu sempre escrevi, mas eu era aquele chato do e-mail... na época que não tinha Facebook, não tinha Orkut. As pessoas trocavam e mais de duas, três páginas, quer dizer: eu trocava, né? porque ninguém respondia. E aí a primeira vez que eu percebi o impacto da poesia... é... porque eu queria na verdade me comunicar com as pessoas. Foi quando eu escrevi um poema que chama "Notícias Populares", acho que foi o primeiro poema que eu escrevi, que fala... que falava sobre uma situação que eu havia vivenciado na sala de aula. Que era de... eu havia aplicado uma prova na 5^a série, e aí... um dos meninos... que era um dos que dava mais trabalho, né? Ele... ali tentando, se esforçando pra fazer a prova, porque eu já havia desenvolvido um vínculo com ele, eu percebia que ele tinha um esforço, pra fazer a aprova, mas ele... acho que uma hora... quebrou aquele esforço. Ele saiu empurrando prova de todo mundo. Chutando cadeira, chutando carteira e... E aí essa situação me chamou atenção. E aí me veio a ideia de fazer um poema, sobre isso. E eu compartilhei. E quando eu fazia os meus e-mails longos, problematizando, ninguém respondia. Duas ou três pessoas me respondiam. E no dia que eu fiz esse e-mail com o poema e compartilhei, eu acho que recebi uns 40 e-mails de retorno. "Nossa mais o que aconteceu?"... É... "Você tá bem, ele tá bem? Alguém se machucou"? Eu até falei: [risos] "Gente! Calma é poesia!" [risos]. Eu sou um professor. Foi inspirado numa situação real, mas é poesia. Tem ali a ficção, tem a construção". E aí... juntou a fome com a vontade de comer! Porque... eu estava frequentando a Coperifa, percebi que eu gostava de escrever. Eu descobrir foi na Coperifa que... a poesia é arte com as palavras. Não foi a escola que me trouxe isso, foi a Coperifa. Eu descobrir o prazer da literatura, o prazer da palavra, o prazer da narrativa, do contar histórias, de trocar histórias.

E aí... quando esse bichinho me picou, é... eu descobrir que palavra pode ser Arte. Eu descobri que... minimamente eu me sentia confortável escrevendo. Não era igual quando eu desenhava, quando dançava, quando eu atuava. Que eu sempre me achava... Eu me sentia um pouco no papel de ridículo, né? E aí eu descobrir que... eu não passava vergonha. Eu... e eu nem me importava se tava sendo ridículo, pra falar a verdade. Porque aquilo ali, era o que eu queria fazer! E aí eu comecei a escrever É... eu estava terminando a minha faculdade. Eu concluí meu curso de história em 2005. E aí eu também digo que eu comecei a frequentar uma outra graduação... que foi a... a Coperifa, né? A gente fala: "Academia Brasileira da Quebrada de Letras". E... eu fiz, uma outra graduação nas quartas feiras, todas as quartas feiras frequentando aquele ambiente, falando, sendo provocado. E nesse período eu já havia deixado Travessia. Em

2006 eu assumi meu cargo como professor efetivo de uma escola Estadual. E aí... eu tive essa mesma provocação, porque eu ficava olhando aquele Sarau, naquele boteco... "Eu falava: poxa! Se a gente consegue fazer isso num boteco, não é só por causa da cerveja, do escondidinho, que... eles veem pra cá! Porque tem a segunda, terça, quinta. E o dia que o Bar do Zé Partidão mais enchia, mais lotava, era o dia da quarta feira da poesia". Então... eu entendi que as pessoas iam ali por causa da poesia! E eu falei: "poxa... se a gente faz isso no boteco, isso funciona na escola!". E... aí foi quando eu comecei a fazer o sarau também na escola. Inicialmente... na minha aula, eu... O jornalista Francisco Mesquita, Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita nesse período... ele era... segundo os índices do SARESP, do IDESP na época, a segunda pior escola da capital. E a 8^a pior escola do Estado. Num universo de 5.500 escolas, então não é pouca coisa! A gente não tinha sala de vídeo... na época ainda usava videocassete, mas a gente não tinha. Não tinha laboratório de informática. Não tinha laboratório de ciências. Não tinha... Não usava-se a... a sala de leitura, a biblioteca. Porque ainda tinha o pensamento que livro era patrimônio. Então se é patrimônio, não pode deteriorar, então é melhor não usar, para não estragar. Essa visão que se usar o livro, o livro estraga, né? Outra mentalidade muito tacanha, muito pequena. E o pior de tudo! Não tinha quadra, nesse período. E aí... Como sobreviver numa escola dessa? [Risos] A segunda pior da Capital, a segunda pior do Estado, pode ficar sem tudo! mas ficar sem quadra? [Risos] Não pode ficar sem quadra, né?

A quadra é o termômetro da escola. É onde resolve os conflitos muitas vezes. E aí... eu... eu... já percebi logo de início, que eu tinha que desenvolver alguma forma de trabalho, que eu humanizasse um pouco as relações, da... minha relação com os estudantes. E que eu pudesse acreditar que eu fosse sobreviver ali naquele cenário. Porque... eu já percebia que eu tinha um desgaste físico, mental e emocional muito grande. Nessa época eu não sabia, mas eu tinha um processo de depressão que eu vinha desde a adolescência, que eu ainda não havia descoberto, não havia tratado. Então... eu comecei a desenvolver esse projeto, que na época eu batizei de "Literatura "É" Possível!", esse (é) entre parênteses. Porque eu falava que... eu queria. Isso foi até uma resposta, uma provocação que eu recebia de alguns colega, que eles falava: "Ah! Você quer trabalhar com literatura, essa molecada não se interessa por nada. É bobagem". E aí eu queria mostrar que a literatura era possível, sim! E era possível através da literatura possível que... e pra mim era a literatura possível era Literatura de Quebrada. Era a Literatura Marginal Periférica, né... Era essa literatura que eu ia trabalhar com eles. E foi assim que começou. Eu pegava uma parte do acervo da escola. Eu rompia o cadeado. As chaves-tetras. Eram sete

chaves, literalmente da sala de leitura. O espaço mais protegido era o espaço que ninguém queria invadir, ninguém queria ocupar. Tinha uma porta de madeira. Tetra, chave, treta. Tinha uma grade. É... cadeado, chave, cadeado... e tinha uma corrente, sabe? [Risos] Não sei pra quê!? Ninguém queria invadir ali pra... [risos] pegar os livros, só eu. E aí eu pegava os livros da sala de leitura. Pegava os meus livros, do meu acervo particular. Uma vez por mês eu levava pra sala de aula, e falava: "ô... A gente vai fazer um Sarau". "Sarau? Que que é Sarau?", eu falava: "Sarau é uma festa!"... Nossa... "Tchu... Tcha... Tchu..." Então, mais não é funk! Ahhhhhhhhhhhhh... Falei: "A gente vai falar poesia". "Ahhh! [Risos]". Isso é coisa de Bicha prosô"... Pois isso é coisa de "boiola", essas coisas romântica aê... eu falei: "Não, não é só isso, é também isso". Mas não é só, e a gente vai fazer. "Ah tá bom, não vou participar!", falei: "você vai porque você não vai sair da sala, então se você já está na sala você já está participando". "Tá bom, mas eu não vou aí na frente, né?"... Cheio de meter mala, né? Os marrentos. Tá bom! Não quer vim, não vem! Se quiser vim, fica à vontade. E aí eu pegava o primeiro poema que eu ouvi na Coperifa, que... foi o poema que... foi nocaute, né? É do Gaspar, Z'Africa Brasil, chama "Periafricania". Inclusive quando eu publiquei a Antologia dos Mesquiteiros, eu pedi autorização pro Gaspar pra poder inserir esse poema para abrir a nossa Antologia, porque... pra mim ele foi significativo. Ele, ele abriu caminhos, pra eu adentrar esse universo do Sarau, e foi... Foi com ele que eu abri os caminhos da escola também, né? Quase como... aquele facão que a gente vai abrindo é... as veredas. E ele... ele por exemplo fala assim:

Rodrigo Ciríaco [recitando a poesia]

"Não tenha medo em dizer que tu é Preto não, tenha espanto em dizer que tu é Branco. Não seja omissão em dizer que tu é Índio nos toca discos corre sangue Nordestino Antigamente Quilombos, Hoje Periferia O Esquadrão Zumbizando as origens Z'Africania. Somos filhos de uma terra sagrada Qualquer Periferia, qualquer quebrada é um pedaço da África. Ideologia Quilombola ferve da Sul até o Nordeste. Z'Africa o Clã Brasil nordestino espalhando a peste, O som é RAP, Embolada Alá Zeca Baleiro A explosão do beco conheça o grande Eldorado Negro. O mar guiou, a mata abraçou entre terras e mares os Orixás abençoou A senzala do passado se perdeu na escuridão... com ela a dor do extermínio e da escravidão. Quiloas, Bantos, Monjolos, Kambinda, Mina, Angola Brasil, Cuba, Ruanda, Haiti, Jamaica, Etiópia. Conquistas glórias, derrotas, vitórias de tantas batalhas traçadas Misturando raças com as marcas da velha África. Periafricania a resistência, lendas são lendas Queimem os emblemas, quebrem as algemas Zumbi. Zumbi é consciência, é o terror da tirania O inimigo número 1 e

segue a profecia. No terrorismo, no Brasil do Coronelismo país dos dízimos, do capitalismo, do egoísmo reduzido em ismos. E vamos indo contra a elite suportando como pode É forte o choque, sua Rota não destrói meu Hip Hop. Quero ouvir os tambores, as vozes, os rumores No paredão o som regando a PAZ, a Trindade Solano amores Tirei do Cartola, Lenine as poesias Saquei um Garrincha e da Luz de Luiz fiz a melodia. A fusão, a toada de uma raça libertaria, Sou Halí Salissié ou não é Diamba sagrada, Sou Múmia Abujamal destruindo as celas, Sou James Brown, Berimbral, Nino Brown, sou da favela, Sou Kingston, show no Capão, sou Marroon, Sou Subupira, balanço Lundu, som Jongo, sou um da Sul. Nos antigos mistérios da Quilombologia, Toda quebrada é quebrada na grande Periafricania. E eu falei, não tenha medo em dizer que tu é Preto Não tenha espanto em dizer que tu é Branco. Não seja omissio em dizer que tu é Índio, e nos tambores corre sangue Nordestino".

Aí quando eu falei erra poema a molecada virou né? Ahhhhhh, Uma que poema bom pra caramba. Outra porquê... quando eu falei... fazer poesia, eles não esperavam que fosse... esse tipo de poesia. Até eu lembro... é... "Mas isso aí não é poema, isso aí é um Rap"? Ah vai! Mas você sabe o que significa Rap? Rap, é uma abreviação de uma palavra em inglês que é "rythm and poetry", ritmo e poesia. Aqui não tem a picap, não tem a batida, mas tem ritmo, tem poesia, isso é um poema. Está no livro inclusive, não tá no disco. Eu pegava o livro, mostrava o livro... ô... tá aqui... "É... isso aê gente gosta então". "Eu sei fazer uma coisa desse tipo". Eu falei: "então vem!" E a gente começou a fazer o Sarau dentro da sala de aula, né. E assim começou o projeto literatura é Possível. Na sala de aula, uma vez por mês. Eu interrompia meu... meu cronograma, meu conteúdo programático pra inserir a literatura ali com eles.

Fernando CPDOC Guaijanás: Isso com no Mesquista, né? E como ele foi se transformando no Mesquiteiros?

Rodrigo Ciríaco: Essa transformação ele durou 3 anos. Eu acho que foi mais porque eu sou muito cabeça dura do que um tempo necessário, porque foram 3 anos muito sofridos dentro desse contexto da escola. Eu não tinha apoio, não tinha apoio da gestão escolar, nenhum. É... eu falo que... e o que... isso eu vou descobrir anos depois. O que eles me ajudavam, é que não me atrapalhavam. Então depois quando trocou a direção... aí veio uma diretora que começou a me atrapalhar. Eu percebi que antes, a gestão até quando não fazia nada, ela me ajudava um pouquinho porque não me atrapalhava. De início eu tive problema com meus colegas que Língua portuguesa, de Letras. Porque eles achavam que eu tava querendo tomar o espaço deles. Eles não entendiam que eu não era um professor querendo dar aula de Literatura, ou de

Gramática ou de Redação. Eu era um escritor, em início querendo compartilhar uma forma de fazer literatura e poesia. E aí... eu fui... eu fui trabalhando de duas maneiras. Uma frente era o Sarau. Uma vez por mês fazia o Sarau. Outra frente era... o poeta, a poeta, os escritores e escritoras, porque... Além dessa nova forma de fazer poesia. Uma coisa que me chamou muita atenção quando eu conheci a Coperifa, é que eu descobrir que existiam poetas e escritores vivos. Eu tinha... 25 anos, e já tinha ouvido falar de Maurício de Sousa... Já tinha ouvido falar do Saramago, mas eram... muito distante da minha realidade, né? Você ia numa bienal, você dava sorte de pegar aquela fila de 260 pessoas na fila, 263 vai! Aí você pegar um autografo ali. Agora num bar!? Na quebra? ter 20, 30, 40 escritores? Não.... isso não existe, né? O escritor, o poeta é quase uma figura mítica. Já ouviu falar, mas nunca viu, né? quase igual o caviar do Zeca Pagodinho [Risos]. E aí... Eu falei, meu: eu tenho que... eu, eu sempre trabalhei na base do encanto. Então eu me encantei pelo Sarau. Eu quero levar o Sarau. Eu me encontrei com a descoberta de poetas e escritores vivos... vamos trazer pra escola! E... pelo fato "deu" frequentar os Saraus, e começar uma relação de amizade com esses poetas... Eu comecei a convidá-los. Eles iam na escola, muitas vezes sem cobrar nada. Eu que insistia em... pagar, comprar alguns livros minimamente pra ter uma ajuda de custo. E... É.... a partir disso, eu fui trabalhando nesse sistema durante dois, três anos. A gente começou a montar uma pequena turma de... De literatura, de poeta. Nós nos encontrávamos no contra turno. Mas... foi isso. Eu dava aula só no Estado, ganhava super pouco. É... eu já estava percebendo que a minha questão emocional tava bem fragilizada por todo contexto da escola, porque eu sempre fui muito combativo, eu sempre... é... essa questão da escola ter uma posição não muito favorável, era sempre motivo de... é... Questionamento, de embate com a gestão, com a coordenação, com a direção, que era ausente, era corrupta. Eu fazia denuncia nos canais, né, oficiais ali, não tinha retorno nenhum. E aí eu tava... 2008 eu tava pensando em desisti. Eu falei: "Eu vou parar com isso!" Eu não ia parar de dar aula, mas falei: eu vou parar com o projeto, porque eu já ganho pouco, eu gasto o pouco que eu ganho, pagando pra galera vir. Eu... por causa do projeto eu tô batendo de frente com a gestão, mais do que eu já tenho problemas...

O projeto era um ponto deles atacarem, o meu trabalho. Eu falei: "Eu vou desisti". E aí essa turma que fazia o encontro comigo, eles montaram uma peça de teatro. Eles escreveram a peça, desenvolveram roteiro... fizeram cenário, figurino, objetos. Fizeram tudo! Nos 40 mint... pra... faltando amarrar a peça pra eles estrearem... eles travaram. E aí, eles foram me chamar, né? Eles sabiam que eu gostava de teatro, eu já tinha feito teatro... "Ô professor, dar uma ajuda pra gente!", e ai fez um (estalo). Né... Rodrigo, você é um... estúpido. Porque você tá esperando

colaboração de todos os lugares onde você e não tem... e... Um local onde estão pré dispostos a caminha junto com você, você não olhou. Porque eu esperava dos professores, da gestão, da direção, mas eu não pensei nos alunos. E aí eu fiz a peça com eles, foi muito legal. E... no ano seguinte, eu já vim com essa ideia de montar um grupo de poesia, de Sarau. Eu percebia que ainda tinha uma resistência, porque hoje em dia os Saraus, os Slans, são muito conhecidos né? Não só em São Paulo. A Coperifa criou um modus operandi, né? Ela desenvolveu um New Rod, de fazer Sarau que se espalhou pelo Brasil. Se espalhou lá fora até. Não existe... ou não existia uma maneira de fazer Sarau como a gente faz aqui no Brasil. Ainda hoje esse movimento que nós temos é um movimento originário brasileiro, de São Paulo, periferia da Zona Sul, né? Herdeiro do movimento Hip-hop. É... e aí... a gente começou a fazer. É... só que eu falei: " Se eu falar que é Sarau, não vai ter ninguém ainda". Ah... eu falei: "Vou montar um grupo de teatro!", a pegadinha do Malandro, né? [Risos] Aí eu chegava, oh gente, vamos montar um grupo de teatro aí. E aí quando eu consegui uma... uma turma bacana, ali, de 30 a 35 jovens, entre 12 a 17 anos... Eu, ô: a gente vai fazer mesmo uma peça de teatro, mas a gente vai trabalhar só com texto poético e literário, textos da Literatura Marginal. Aí eles não entendiam nada... Mas aí foi ontem eu comecei a introduzir. E aí a gente fazia os ensaios, a preparação tanto pros Saraus que a gente fazia, quanto pra peça. E aí nesse ano eu montei, Foi em 2009. A gente montou uma primeira peça é... teatral com textos literários. Chamo... ela se chamava "Di aqui de dentro da guerra". Que foi inspirado no poema da Dinha. Foi uma homenagem que eu fiz pra Dinha também, por ela ser minha referência pra conhecer o Sarau, e pra fazer poesia. E aí no ano seguinte, a gente já tinha... nesse ano de 2009, né? já surgiu os Mesquiteiros, 09 de Abril de 2009. Numa primeira reunião, eu falei: "Ô, a gente precisa batizar o nosso grupo, qual vai ser o nome? Não recordo quem foi quem falou, só sei que foi uma das estudantes. Ah... ela falou: Podia ser Mesquiteiros, né? A gente pega o nome da escola Mesquita com os três Mosquiteiros. E aí mescla "Mesquiteiros". Eu falei é... gostei! É isso: "Um por todos, todos por um". E aí surgiu. E... foi a partir do momento que surge o grupo... que... eu trago essa molecada pra caminhar junto comigo, né, que as coisas aconteceram. Parece que, né, tava todo embolado... aí puxou o fio. E... foi desenrolando, desenrolando até a gente chegar aqui, nesse espaço hoje.

É... a gente no primeiro ano a gente trabalhou mais com... Na verdade, sempre a literatura, a literatura marginal periférica, a poesia do Sarau, sempre foi carro chefe. No primeiro ou no segundo ano a gente trabalhou muito mais com saraus pra gente tinha... a primeira proposta foi de montar peças. Era uma forma da gente se apresentar. Se apresentar não apenas no sentido de

se apresentar no teatro, mas se apresentar pra pessoas... olha... agora, aqui no Lino existe um grupo, que surgiu dentro da escola, formado por jovens e adolescentes, e nós trabalhamos com essa literatura que está sendo feita no Sarau. Então... eu continuei com os mesmos processos anteriores: fazer sarau dentro de sala, de convidar escritores, mas agora tinha um terceiro elemento que era o grupo. A gente fazia esse trabalho no contraturno. Em 2010 a gente, é... resolve se inscrever pro Programa Vai. E aí, é uma outra virada importante: Por que? Porque dentro desse universo da escola a gente vazia as coisas com pouco recurso, a gente fazia com quase nada. Era com o que a gente levava de casa. E era um menosprezo tão grande pelo nosso trabalho, eu lembro que... A gente em 2009 fez a peça. Ficou linda! Eu tenho até hoje fotos, imagens. E... deixando as coisas numa salinha, que era uma salinha... sabe aquela sala que ninguém quer? Que não tem energia elétrica, que não tem telha, que não tem nada. A gente... a gente aceitou. E aí quando a gente voltou no ano seguinte, foi fazer uma pequena reforma na escola, a gente perdeu tudo. Porque... tinha tinta, tinha cal, tinha concreto, tava tudo podre, embolorado, sujo. E... foi, foi... Acho que o primeiro baque pra gente. Porque a gente viu o quanto a gente era menosprezado dentro da escola. Apesar de tudo que a gente fazia. De elevar o ânimo moral da escola, dos estudantes. A gente falou: "Não, vamos embora". Só que aí ascendeu (inaudível) meu, não dar pra gente ficar pegando as nossas coisas, usando a molecada sentiu muito, porque tinha muitos objetos pessoais, de mãe, de pai, de tio, de avó que foram perdidos. A gente falou, Não! A gente viu o Vai... "Vamos inscrever pro Vai?" Como era uma escola estadual, não teve conflito de... escrever "prum" projeto municipal. Então a gente se inscreveu pro Vai. Foi a primeira vez que a gente se inscreveu em qualquer edital público, mais aberto. E rolou! A gente foi contemplado. E aí foi muito bom, porque é... Esse grupo a gente minimamente pôde receber uma ajuda de custo mínima. né? Eram as meninas que estavam ali na primeira formação, que participaram desse edital do Vai.

A gente comprou microfone, caixa de som, pedestal, é... datashow, telão, é... enfim... a gente conseguiu estruturar o projeto. A gente tinha coisas que a escola não tinha. Algumas vezes quando ia fazer algum evento na escola, a escola vinha pedir pro projeto, se emprestava a caixa de som. Se emprestava, né? O que é muito louco. Mas pô, então a escola era muito pobre, né? Não, não tinha. Toda escola recebe verba pra comprar equipamento, pra... é que... tinha muito roubo, tinha muita gente pilantra, né? É... eu costumo dizer, que a gente... pilantra, sacana, isso existe em todas as profissões, em todos os lugares. É que ali no Mesquita parece que... concentrava [risos] um número muito maior. E aí a gente começou a fazer, e foi em 2010, foi o

primeiro ano que a gente também fez a nossa primeira publicação. Foi um fanzini. É o fanzini "Um por Todos". E aí tinha textos de algumas pessoas convidadas. Tinha textos também... nós... nossos textos. Foi a primeira publicação nossa.

Olha... eu, eu, eu ainda vou fazer esse cálculo. Mas eu acho que a gente está na 6^a, 7^a geração de... de Mesquiteiros, Mesquiteiras aí porque teve alguns anos que a gente manteve o mesmo grupo, né? 2009 pra 2010 foi uma mudança muito pequena. É... 2010 pra 2011, também. Do grupo originário tem apenas uma pessoa, que é a Vanessa. Ela tá... ela tá... até pré-mesquiteiros. Porque antes dos Mesquiteiros esse processo de... de fazer sarau, convidar escritores, eu montei um jornal e a Vanessa está desde 2007. Que ela era uma das integrantes do Jornal Fique de Olho, a gente... era uma forma de a gente fazer o jornal pra fazer a denúncia dos problemas da escola [risos] E a Vanessa, ela tá até hoje. Ela se formou em psicologia pelo Mackenzie, bolsista do PROUNI. Ela trabalha na parte de RH hoje de uma empresa... grande empresa brasileira aí. Ela já foi uma da... uma proponente nossa no edital do Vai, depois no edital do PROAC. Hoje no Fomento por exemplo. Ela é que cuida, desde a primeira edição que a gente pegou, e dessa, 2^a e 4^a edição que nós fomos contemplados. Ela... ela cuida da parte fiscal. Então ela tem... é... quase 13 anos de grupo. E aí tem outras... Tem a Bruna...

Fernando CPDOC Guaianás: desculpa... ela era uma aluna?

Rodrigo Ciriaco: Era uma aluna. Eu conheci a Vanessa na 6^a série. Dei aula pra ela no fundamental todo. Depois ela se mudou pro período noturno, né? Mas aí ela sempre manteve. A segunda mais antiga é a Bruna. Também foi minha aluna. Eu dei aula pra ela do 5º até a 8^a série. Antes dessa mudança, né? Dos anos... era da 5^a até a 8^a série. E a Bruna tem 10 anos de grupo. E aí tem as meninas também que começaram, tem algumas... Então é um grupo bem diversificado. Hoje no nosso grupo de estudos por exemplo, a gente tem desde a Bruna que tem 10 anos de grupo, quanto as meninas que entraram esse ano, em março, que tem 6 meses de grupo, né? É... porque é isso. Na verdade é... o grupo de estudos é um espaço que... a gente se reúne, pra... fazer algumas trocas, pra gente... Pra permanecer essa chama da literatura, da poesia, da oralidade viva. Pra gente se atualizar. É... nunca aquela coisa: "Ah, eu já sei tudo!"... Não, você não sabe tudo. Tem sempre alguém novo vindo. A gente sempre tem propostas novas que a gente se coloca, né... Novos desafios. por exemplo, esse ano, a gente... Eu... A Literatura Marginal Periférica, ela tem, uma... tan... é um... mais centrada na poesia. Tanto a produção de romances quanto de... de literatura infantil, ainda é muito pouco. A gente... eu acho que a gente devia ter uma atenção maior. Então... há 5 anos que a gente criou um sarau voltado para ao

público infantil, que é o Sarauzinho. E a partir disso, quando a gente foi enviar uma nova proposta, eu falei: olha... Tá na hora da gente escrever um livro infantil. Um livro de poesia infantil. Então, por exemplo, esse ano a gente está trabalhando na produção de poemas infantis, poemas pra crianças, que é uma coisas que a gente ainda não havia feito, né. Tem o Sarauzinho, tem as ações. Então esse grupo de estudos é um laboratório. É um centro de experimentações. Experimentações é... de escrita, de leitura, performance Esse ano por exemplo, entre uma das coisas que a gente se colocou. As meninas sempre... é... publicaram seus textos nas antologias. Esse ano a gente colocou a produção de um livro autoral. Então são 4 livros autorais, que a gente pretende lançar em 2021. Delas! Eu falo: "olha... depende... o mais difícil a gente já conseguiu que é o recurso e a estrutura, a pessoa pra desenvolver. Agora se vai ter o livro ou não, só depende de vocês escreverem". Porque... hoje no grupo de estudos nós somos em 20 pessoas, né, que participam semanalmente desses sábados. E... pelo menos 4 livros a gente tem previsto de fazer lançamento. E aí livros autorais, das integrantes dos Mesquiteiros.

É... a gente sempre foi um... eu acho que na parte do projeto e de ações a gente sempre teve uma consistência. É... que eu vejo muitos grupos começam às vezes, né, de ter algum local. A identidade com o território, né, com o local. A gente sempre teve essa identidade com o território, mas ela sempre foi dispersa e isso sempre foi muito bom, mas a gente sempre foi muito maltratado eu acho, sabe? Então na escola a gente passou por esse processo de 2009, quando a gente teve um espaço, uma sala. Até 2015, foram seis anos. Era... a gente nunca teve energia elétrica nessa sala. A sala nunca teve uma fechadura, era sempre a gente. E a gente sempre pedia, a direção sabia, a escola sabia. Tiveram várias reformas, poderia ter sido feitas várias mudanças, não foi!

Então, quando eu exonerei meu cargo no estado, a primeira coisa que eles fizeram, foi: a gente foi expulso da escola, né, porque eu exonerei o cargo, mas eu não queria sair da escola, mas a gente foi convidado a se retirar. E aí foi uma coisa muito boa, porque a gente deixou de se preocupar somente com a escola, e foi se preocupar então, em espalhar poesia por outras escolas. Nesse período a gente foi pra uma escola... A gente recebeu o convite de uma escola municipal que eu dava aula, o Lino de Matos pra trabalhar por lá. A gente ficou um tempo no Lino de Matos, mas aí tava um pouco distante. A gente foi pra Biblioteca Rubens Borba que fica aqui na Sampei Sato, perto da Paranaguá que é uma Avenida bem central. Só que da Rubens Borba ela foi fechada pra reforma. Aí a gente foi pro Centro Cultural da Penha. Aí... foi um

período já que eu achei crítico, porque a gente tava se distanciando do nosso território. E a maior parte dos jovens, sempre foi daqui dessa região. Foi E aí em 2017, quando a ocupação cultural foi ameaçada de despejo pelo André "Strume", é... bota na minha conta esse, essa provocação! [Risos] É... a gente se aproximou do movimento novamente. E a... a gente se integrou ao movimento pra ocupar, né? a Ocupação Matheus Santos Movimento Cultural de Ermelino Matarazzo. E aí nós ficamos dois anos e meio ali na ocupação, mas a gente percebeu que a gente precisava crescer. E aí eu faço uma comparação, como as árvores que tem aqui em frente a Casa Poética, que pra elas cresceram, elas precisam se movimentar e às vezes movimentar até o concreto, né? Aquela coisa... a raiz se expandindo e ela precisa de mais espaço, e a gente precisava do nosso espaço. E aí eu falei: "oh a gente vai completar 15 anos, daqui a pouco a gente tá maior de idade, tá na hora da gente arriscar", a gente tinha eu acho um pouco de receio, né?

E aí eu comecei a pesquisar imóveis aqui no território, foram quatro a cinco meses de pesquisa até que eu achei essa casa e aí eu achei. Eu já... antes dos Mesquiteiros, eu sempre tive um sonho de montar um espaço cultural na quebrada, né? Ainda não tinha nenhum projeto, era aquele sonho de montar um espaço cultural independente. E aí quando eu vi... esse nome Casa Poética já tava na minha cabeça assim, sabe? Que... é espaço que fosse da poesia, mas que fosse um espaço de afeto, um espaço de aconchego. Era aquele espaço que as pessoas se sentissem bem, ao chegar. E aí a gente fez, deu certo. É... foram três meses, três a quatro meses de preparação. Porque a gente tinha poucos recursos pra fazer a manutenção do local. Então tava tudo pintado já, mas enfim tinha que comprar alguns objetos, então a geladeira compramos uma geladeira usada, pegamos um fogão usado. Eu fazia pesquisa nos sites de, de preços. Poucas coisas a gente comprou novo mesmo, né? Eu acho que o que a gente comprou novo foi aquilo que a gente mais valoriza, que foi a estante. A estante a gente comprou nova. Convidamos alguns amigos pra fazer alguns trabalhos, então... fazer alguns grafites. E no dia 7 de março de 2020 a gente fez um grande evento, pra inaugurar. Foi muito bonito. Contou com um... Eu acho que eu consegui tra..., com exceção do Sérgio Vaz que ele tinha um mesmo evento no dia, eu consegui trazer todas as pessoas que são referências pro nosso trabalho. Antes, durante e hoje. Então tinha Suzi e o Binho, Ferréz, Bel Santos Mayer, é... Marcelino Freire, José Castilho, Márcio Black, é... Silvana Martins, enfim... Eu até não deveria ter citados nomes porque as pessoas que foram muito importantes elas estavam aqui nesse dia né? Foi um evento muito bonito. A gente conseguiu reunir aqui acho que entre 200, 250 pessoas, e... e a recepção, a

colhida dessas pessoas também foi muito importante para o projeto, pra meninas, pra meninos, porque... Eu sou o idealizador, o curador do espaço, mas a gente tem uma proposta de ser... a manutenção e a programação coletiva, né, daqui desse local. Que foi interrompido por conta da pandemia, da Covid, mas que... a gente está fazendo ainda a manutenção de maneira online, né? Só tem uma ação que... é uma ação presencial, e pra mim foi uma ação muito importante que foi o caso da Poética Solidária. A gente fez uma parceria com os profissionais do CAPS - Centro de Atendimento Psicossocial, tanto IJ, IAD. E... dessa parceria a gente atendeu em média 100 à 150 famílias por mês. A gente... de abril até agora setembro a gente já distribuiu mais de 10 toneladas de alimentos. Mais de 750 kits de higiene e limpeza, né? Eu acho que isso foi muito importante porque mesmo com o impacto da pandemia, a gente conseguiu é... fincar quem nós somos aqui pro bairro, pro território e ser um ponto de... de fortalecer essas famílias que perderam renda ou trabalhado nesse momento.

Enquanto Literatura Marginal Periférica, tem outras referências mais fortes. Eu pelo menos vejo isso, Sérgio Vaz, Ferréz, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Elizandra Souza, Cidinha da Silva, Allan da Rosa. Tem bastante gente aí. É... eu acho que a gente tem uma referência muito importante enquanto pedagogia do Sarau, que até um nome "dum... dum" curso e "dum" livro que eu estou desenvolvendo já tem um tempo, né? Porque nós fomos, é... eu enquanto professor e nós enquanto coletivo, nós fomos o primeiro grupo a trabalhar com Sarau. É... tendo como modelo, como referencial a Literatura Marginal e os Saraus na Periferia, dentro da escola de forma sistemática e permanente. O Vaz já fazia alguns trabalhos, o próprio Binho, né? Outras pessoas já desenvolviam algumas atividades dentro da escola, mas enquanto é... projeto educativo pedagógico literário. Desenvolvido de forma permanente, sistemática, ano após ano, foi, foi... é... esse trabalho com os Mesquiteiros. E.... isso é muito bom, muito importante, porque eu tive que desenvolver o método, não tinha. Eu não tinha nenhuma referência. Quem é o professor que trabalha com literatura? Não tinha, né? E... eu acabei sofrendo muito, mas por outro lado me fez refletir muito sobre essa minha prática. E... Qual a importância do Sarau, hoje, depois do Slam? Pra é... não apenas para a Literatura Marginal Periférica, mas pra educação nos dias de hoje, porque quando a gente fala de Sarau, de poesia, a gente tá falando também de leitura.

A gente tá falando de mediação de leitores, de formação de leitores. A escola eu acho que nos últimos 20 anos, ela teve um avanço muito importante, da época que eu era estudante, mas ainda

da época que meus pais, né, avós eram estudantes, até porque era uma outra realidade não havia universalização do ensino. Mas eu acho que... ah... nosso trabalho trouxe um ganho de qualidade. E aí eu acho muito importante fazer... trazer essa oportunidade de compartilhar esse método. Compartilhar essa forma de trabalhar com a literatura e poesia pra outras pessoas. Então já tem uns quatro, cinco anos que eu faço formações. Já fiz formações tanto em espaços independentes, quanto pra própria rede SESC. Eu fui convidado em 2018 pro... na Arte da Palavra do SESC. Ano passado eu tive a honra de poder fazer formação junto com a DRE São Miguel, então foi publicado no Diário Oficial, valeu como pontuação, valeu como evolução. Isso pra mim foi uma alegria muito grande, porque eu penso lá atrás quando a gente começou e falava de Sarau: "Ah, é literatura de bandido", "é literatura...", "é apologia as drogas", você vai ensinar a molecada a escrever errado, a falar errado. Tinha esse preconceito linguístico, social, estético, muito grande. E 14 anos depois, você ter a mesma referência, mas para fazer uma formação, com professores, valendo pontuação, evolução funcional, pra mim foi uma conquista, né... uma conquista pessoal.

Enquanto projetos, aqui na casa... a gente... trouxe essas referências pra desenvolver nossos trabalhos, então a gente tem: O Jardim olhos D'Água Conceição Evaristo, né. Depois quando a gente adentra o espaço nós temos é... o espaço infantil Amanhecer Esmeralda Ferréz. O segundo espaço dentro da casa é o espaço de leitura Carolina Maria de Jesus, que tem esses livros pra empréstimo Biqueira Literária Plínio Marcos. Tem uma sala de vivência e cursos que é Susy e Binho. O... a Copa Colecionador de Pedras, Sérgio Vaz. Aí a gente saindo um pouco na parte externa tem a garagem é... espaço Balada Literária Marcelino Freire. Depois tem uma horta na parte de trás da casa, que é a horta comunitária é... colaborativa Bel Santos Mayer, José Castilho, Márcio Black. E por último, tem o espaço é... do Daniel, né, ali do... do "Sarau O que dizem os Umbigos?" Daniel Marques. E... foi uma forma da gente homenagear, tanto aqueles que já foram, quanto os que estão aqui com a gente, né. É... é muito importante, porque a gente sabe que... o Saraus, é... o Slans, ele trouxe um fôlego pra cultura da periferia muito grande. Mas a gente sabe que esse fôlego, ele não vem do nada, né? Antes desse fôlego teve o movimento Hip-hop que trouxe essa chama. Tem os Cadernos Negros, que tem esse trabalho muito importante. Tem aí a própria literatura de cordel, os repentistas. é... Antes disso os griots, né? Então... a gente... eu acho que a gente mais traz uma continuidade de uma forma diferente, de uma forma adaptada ao mundo que a gente está hoje, do que a gente trazer algo totalmente novo. Não, se você for no cerne da palavra, da concepção, é a oralidade, é a transmissão de

conhecimento, é a valorização do popular, né? É... de tudo que a gente considera... que é fundamental pra nossa vida. Sem arte... é... sem literatura a gente não respira, ou a gente respira, mas é um ar muito tóxico. É um ar que... é um ar insuportável. Acho que a própria pandemia veio ressaltar muito isso, né?

O que é da gente nesse período de isolamento de distanciamento sem a música, sem o livro..., sem a própria novela, sem as séries, tudo isso. E... tudo isso, se concentra nesse espaço, que também veio reforçar as atividades que a gente já desenvolve. Então... tem os Saraus que a gente... nossos Saraus mensais, nossos encontros mensais que a gente faz desde 2010, aberto ao público. A gente tá fazendo aqui, agora de maneira online, mas é os Saraus dos Mesquiteiros. A gente tem o grupo de estudos literários, que acontece também por enquanto de forma online. A gente tem os Saraus nas escolas que a gente também vai completar uma década de realização, que é levar essa forma de fazer literatura e poesia pra escola. É uma forma de plantar a semente e mostrar "ó professor, olha professora, dá para fazer Sarau aqui sim", dá pra montar um grupo de Sarau, se não souber como a gente faz a formação também. Aí tem o Sarauzinho, que é o Sarau mais para as crianças. Tem o Slam Rachão Poético. Tem um projeto que eu tenho um apreço, um carinho muito grande, que é o concurso "Pode Pá que é Nós que Tá! Que resultou nesse box aqui, né, nessa coleção com seis livros. Porque esse daqui é um dos trabalhos que eu considero mais importantes da minha carreira. Porque a gente conseguiu num período de... oito anos, condensar, a produção de mais de 300 jovens e adolescentes entre 12 e 17 anos, estudantes de escolas públicas do Estado de São Paulo, isso não é pouco, né? Se a gente pensar que 80% da produção que tem nesse material é de meninas, de jovens mulheres eu acho que o significado aumenta ainda mais, quando a gente compara com... qual é o recorte da literatura brasileira contemporânea ainda hoje, né? É formada por homens, brancos, heteroxessuais, nível superior... é... nível acadêmico superior, classe média alta ou classe alta. E falando e repercutindo sobre esse universo, o que não é representativo do que nós somos enquanto Cidade, Estado ou País. Então pra mim, é... esse projeto do Concurso Literário, de permitir dar esse espaço, né, amplificar essas vozes da molecada, é muito importante.

E... enquanto produção autoral, eu tenho quatro livros publicados. É... o primeiro é esse daqui [mostra o livro], "Eu te pego lá Fora" que é um livro de contos que fala sobre o cotidiano da escola pública. Eu trago um pouco esse resumo da época que eu era estudante, do meu período enquanto professor, das histórias que eu ouvi e de um tantinho assim, que eu aumentei também

[risos]. Porque a literatura não é boletim de ocorrência. Eu não tenho preocupação em relatar exatamente o que aconteceu, como foi e que depois vem uma outra versão, essa daqui de 2014, dentro da coleção Literatura Marginal que o Ferréz estava organizando pela editora Dissope, é tem alguns textos diferentes só. Meu segundo trabalho, já foi dentro da nossa editora que é “Edições Um por Todos”, que é esse daqui [mostra o livro] “Um livros Sem Magoas”, também de contos, também prosa, mas vai falando de questões políticas, sociais, relações afetivas, amorosas também. É um livro muito bonito. É muito orgulho de ter feito esse livro aqui. Meu terceiro trabalho, é esse daqui, aí é um livro de poemas, vem do “PÓeSIA”, esse livro tem uma particularidade, porque ele é um livro objeto. Ele vem... ele vinha, né, dentro dessa caixinha e aí ele se transformava num livro que poderia abrir para um cartaz poético. Então... tem pessoas que montaram quadros, colocaram na parede, são os dois lados, né. É um livro que eu... eu não me considero poeta, então como eu falei que vai ser meu único livro de poemas que eu ia lançar, eu me permitir à todas as ousadias possíveis e... foi muito bacana porque ele... foi sucesso assim digamos, porque esgotou bem rapidamente. Depois eu consegui assinar com uma editora mais comercial, ainda independente, pequena, mas mais comercial que é a Editora Nós. E aí veio o mesmo livro nesse formato e também nesse outro formato aqui [mostra o livro], foi uma edição especial “O Vendo PÓeSia”, né, aí com essa cara mais tradicional, mais eu gosto muito também. E... a minha publicação autoral mais recente de 2018 é esse infantil “Menino Moleque Poeta Celerepe”, que traz a história do Lucas. É um... menino que estuda numa escola da quebrada, e... ele é considerado especial para os professores, porque... não sei... ele não tem diagnóstico. Ele é especial, porque parece que ele é muito bagunceiro, ele fala demais, falam que ele é hiperativo, falam que ele tem problema e na verdade ele só é um menino que vem de uma família de artistas, ele é um menino que quer... a vontade dele... ele provoca a todo momento pra fazer um sarau dentro na sala de aula e ele não consegue, pelo contrário, ele recebe uma convocação pros pais irem na escola. E aí quando esses pais vão, e os pais do Lucas são artistas, eles vão na escola, mas eles vão pra mostrar, pra fazer esse sarau com o Lucas né? Aqui é a chegada dos pais do Lucas na escola pra fazer o sarau [mostrando o livro]. E aí ninguém entende nada, mas como a escola acha que é uma família meio de... o povo deve ser louco, né? Então não mexe com os doidos, deixa eles fazerem o que eles querem. Ai eles fazer essa roda e o sarau acontece, e... e a escola descobre que é possível fazer sarau poesia pras crianças, né? E aí o Lucas que em algum momento é chamado... alguns pensam que ele é autista e a escola descobre que ele não é autista, ele é artista, né? E é muito legal porque... mesmo no Sarauzinho, muitas crianças que tem diagnóstico de autismo, quando a gente faz, elas interagem. É um livro que eu

tenho um carinho muito grande. Eu pude dedicar pra minha filha, eu pude homenagear... Meu primeiro livro de caba dura [risos], né, que é uma coisa que a gente... a gente fala bastante... é isso. Mas eu acho que a minha maior realização enquanto educador, escritor, é a Casa Poética, é porque é uma coisa que vai muito além do meu Eu, do meu ego, do meu Eu artista. É uma coisa que... que tá pra comunidade, que tá pro bairro. A gente ainda não pôde desfrutar por conta de tudo que aconteceu a partir da Covid. Mas que a gente tá aqui resistindo e em breve estamos aí, com as portas abertas.

Selecionei um poema... Só pra ter uma parte "Tudo é Possível", que pra mi traz um pouco, um resumo do que é a literatura, né, pra mim e o projeto.

Rodrigo Ciríaco [recitando poesia]:

Escola, trava as portas, grades, neuroses, frustrações, as grosserias, ok. Nesse dia, tudo fica pra trás. Inicia-se o ritual. A primeira coisa a lembrar é que estamos ali não pela imposição das leis, do judicial, da sociedade que nos obriga a ser algo que depois não vai reconhecer. Não. Estamos ali pro um ato de liberdade, um ato da vontade. Literatura é possível. Um momento na vida em que paixões podem ser divididas. Angustias, alegrias, mágoas, risadas podem ser divididas através da palavra: "Professor, posso beber água"? Tá bom, vai firme. O banquete está posto. A nossa santa seria está servida, Livros expostos. Estendemos as mãos, chamamos o nosso convidado pra iniciar a partilha do pão, da palavra do "pãolavra". Nada de escritor, terno e gravata, imagem no quadro paralisada. Não. Ele é uma pessoa, parecida com a gente. Viva. Alguém diz eí. Você é da Paraíba? Talvez sim, talvez não. Todos somos. Só negamos, como só negamos raízes negras, indígenas. Raízes nordestinas que são resgatadas com maestria. Num verso, bem mesclado, num cordel, num trava língua embolado, num repente chapado, que alguém estranha: "êpá. Isso aê não é RAP não?". Não. Parece. Mas é raiz. Poesia. E abre-se sorrisos... Lindos que um dia me disseram: "Ô professor, eu não gosto disso aí não, isso aí é coisa de bicha". Eu falei, "você me dar licença? Eu posso fazer um poema?", "Vai né, fazê o quê?". E se a gente disser não, adianta? Não. Eu vou ler. E recitando Periafricania eu fiz a introdução, o convite a poesia compartilhar Peri, África, e uma nova mania, gostar de literatura contos, romances, palavra, rapadura. E ele começou a perguntar: "Putz, será que eu tô virando boiola?". E a menina começou a falar: "professor eu tenho uma história". O outro me diz aos 12 anos: "professor pera aí, deixa eu pegar aqui na minha mochila, ó! Aqui ó? Eu tenho um livro". E me puxa da sua mochila azul, um caderno fininho,

capa verde água pequeno, com vários bilhetinhos, pensamentos de um... POETA [risos]. E eu descubro que o novo está vivo. Pulsante. E não se pode acreditar nas máscaras que disfarçam aquele instante. Máscaras impostas para suportar a realidade difícil e cortante, mas instigante, poética, lírica, estética, que me faz lembrar da antiética, que dizer: "eles são burros, idiotas".

"Para Ciríaco! Eles não estão preparados pra Eliane Brum, Akins Kitê ou qualquer outra prosa. Para Ciríaco! Pra quê isso? Esse projeto? Que besteira eles não tem cultura. Não estão preparados para escrever, expor seus sentimentos, mandaram recados de uma vida dura, mas com muita alegria, brincadeira e ternura". Eu digo não. Estou aprendendo que não. Estou aprendendo que não se pode dizer: Não, Não, Não. São incapazes. Perderam. Os campos foram todos devastados. "A vida é isso, perdemos!" NÃO! Eu sei que uma andorinha sozinha não faz verão, mas do inverno brota uma certeza: eles cresceram, sobreviveram, porque a experiência através das palavras a convivência. Jogando aula sobre pedras, eu vi brotar um jardim. Que resgatou minha inocência. E irradiou uma nova primavera. E o que antes eram feras? Viraram rosas. Com espinhos. Mas capazes de exalar um perfume de revolta, amor, palavras e carinho. Que olhando nos meus olhos. Olhando nos meus olhos, dizem: "Aí professor, muito obrigado. Porque você ensinou pra gente que não só literatura é possível, mas nós também!".

Valeu.